

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ARQUITETURA E URBANISMO**

ANA ISABELA MENANI

**EM BUSCA DA CENTRALIDADE: UMA PROPOSTA PARA O CLUBE
DO BOM RETIRO EM VALINHOS-SP**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2017

ANA ISABELA MENANI

**EM BUSCA DA CENTRALIDADE: UMA PROPOSTA PARA O CLUBE
DO BOM RETIRO EM VALINHOS-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo – DEAAU, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcia Keiko Ono Adriazola

CURITIBA

2017



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba - Sede Ecoville
Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

Curso de Arquitetura e Urbanismo

TERMO DE APROVAÇÃO

Em busca da centralidade: Uma proposta para o Clube do Bom Retiro em Valinhos-SP

Por

ANA ISABELA MENANI

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 23 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Silvana Weihermann
UTFPR

Prof. Thais Martins
UTFPR

Prof. Christine Laroca
UTFPR

Prof. Marcia Ono (orientadora)
UTFPR

RESUMO

MENANI, Ana. **Em busca da centralidade:** uma proposta para o Clube do Bom Retiro em Valinhos-SP. 2017. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Este trabalho consiste elaboração de projeto para o Clube do Bom Retiro, na cidade de Valinhos-SP. A proposta surgiu a partir da verificação de um estado de obsolescência das atuais instalações do clube, fato que acaba por afastar os moradores de seus arredores, fazendo com que seja um lugar sem vitalidade. Também foi observado que o bairro carece de espaços públicos de lazer e de um elemento que traga a ele uma identidade. Portanto, buscou-se estudar estes espaços, a fim de compreender sua importância nos dias atuais e de que forma podemos projetá-los, de maneira a proporcionar vida aos seus locais de inserção. Por meio da aplicação dos conceitos aprendidos a partir da revisão bibliográfica e dos dados obtidos através da interpretação da realidade, foram elaboradas diretrizes projetuais que servirão de embasamento para a próxima etapa deste trabalho, o TCC 2, no qual se dará o desenvolvimento de um projeto que busque trazer uma nova centralidade ao bairro Bom Retiro.

Palavras-chave: Espaços públicos. Degradação. Vitalidade. Lazer.

ABSTRACT

MENANI, Ana. **In search of centrality**: a proposal for the Clube do Bom Retiro in Valinhos-SP. 217. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tecnológica Federal do Parana. Curitiba, 2017.

This work consists in the elaboration of a project for the Clube do Bom Retiro, in the city of Valinhos-SP. The proposal came from the verification of a state of obsolescence of the current infrastructure of the club, fact that ends up driving away the residents of its surroundings, making it a place without vitality. It was also observed that the neighborhood lacks public spaces of leisure and an element that brings to it an identity. Therefore, we sought to study these spaces in order to understand their importance in the present day and in what way we can design them, in order to provide life to their places of insertion. Through the application of the concepts learned from the bibliographical review and the data obtained through the interpretation of reality, design guidelines were elaborated that will serve as a basis for the next stage of this work, TCC 2, in which the development of a project that seeks to bring a new centrality to the Bom Retiro neighborhood.

Keywords: Public spaces. Degradation. Vitality. Recreation.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1 Avenida Champs-Élysees.....	25
Figure 2 Rua XV de Novembro.....	26
Figure 3 The Goods Line	33
Figure 4 The Goods Line – Conexões	34
Figure 5 Setorização The Goods Line	35
Figure 6 The Goods Line – Partido do projeto.....	36
Figure 7 The Goods Line – academia ao ar livre.....	36
Figure 8 The Goods Line – Representação de uso noturno.....	37
Figure 9 The Goods Line – Testemunho dos trilhos.....	37
Figure 10 Parque Recreativo Venecia – vista aérea	38
Figure 11 Parque Venecia – Piquenique	39
Figure 12 Parque Venecia – esquema de concepção	39
Figure 13 Parque Venecia – esquemas de concepção gerais	40
Figure 14 Parque Venecia – planta	41
Figure 15 Parque Venecia – setorização.....	41
Figure 16 Parque Venecia – Áreas.....	42
Figure 17 Parque Venecia – materiais utilizados.....	42
Figure 18 CHS Field – Vista do campo.....	43
Figure 19 CHS Field – implantação.....	44
Figure 20 CHS Field – Acesso principal	45
Figure 21 CHS Field – Planta do térreo.....	45
Figure 22 CHS Field – Setorização	46
Figure 23 CHS Field – Vista do campo para o acesso	47
Figure 24 CHS Field – treino no estádio CHS	48
Figure 25 Localização de Valinhos	49
Figure 26 Principais Rodovias de Valinhos	50
Figure 27 Valinhos e a Região Metropolitana de Campinas.....	51
Figure 28 Capital do Figo Roxo	53
Figure 29 Índice IPVS	55
Figure 30 Mapa de usos do solo.....	56
Figure 31 Mapa de fluxos Fonte: Google Maps, modificado pela autora	57

Figure 32 Equipamentos próximos ao bairro	58
Figure 33 Facilidades no bairro	59
Figure 34 Gabaritos e ruído	60
Figure 35 Mapa de condicionantes físicas.....	62
Figure 36 Localização de luminárias e lixeiras	63
Figure 37 Percepção dos moradores a respeito de iluminação.....	64
Figure 38 iluminação à noite.....	64
Figure 39 Planta da atual infraestrutura.....	66
Figure 40 Foto h –Vista do clube a partir do bar.....	67
Figure 41 Foto d – bloco de vestiários.....	67
Figure 42 Perfis das ruas.....	69
Figure 43 Percepções sobre a conservação do clube.....	72
Figure 44 O Clube do Bom Retiro na paisagem do bairro.....	72
Figure 45 Segurança durante o dia	73
Figure 46 Segurança durante a noite	73
Figure 47 Preferência esportiva – adultos	74
Figure 48 Pessoas que frequentam os jogos	75
Figure 49 A presença do rio.....	75
Figure 50 Área de lazer ao longo do rio.....	76
Figure 51 Atividades das crianças	76
Figure 52 Esportes e crianças	77
Figure 53 Esportes preferidos.....	77
Figure 54 Zoneamento de Valinhos.....	79
Figure 55 Programa	82
Figure 56 Masterplan	84
Figure 57 - Diagrama de partido	86
Figure 58 - Programa.....	87
Figure 59 - Perspectiva do projeto.....	88
Figure 60 Quadro do Zoneamento de Valinhos.....	95
Figure 61 Notícia sobre iluminação do campo de futebol.....	97
Figure 62 Notícia sobre aulas de autoescola.....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	DELIMITAÇÃO TEMÁTICA	13
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
1.3	PERGUNTA E HIPÓTESE	15
1.4	OBJETIVOS.....	15
1.5	METODOLOGIA	15
2	CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	17
2.1	CONCEITO E IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS PÚBLICOS	17
2.2	OS ESPAÇOS PÚBLICOS: FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO.....	18
2.3	OS ESPAÇOS PÚBLICOS HOJE.....	21
2.4	REVITALIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DEGRADADOS .	22
2.5	TIPOS DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER	23
2.6	RUAS	24
2.7	PRAÇAS	27
2.8	PARQUES URBANOS E PARQUES LINEARES.....	29
2.9	ESPAÇOS PARA ESPORTE E RECREAÇÃO AO AR LIVRE...	30
3	ESTUDOS DE CASO	32
3.1	ESTUDO DE CASO 1 – THE GOODS LINE	32
3.1.1	Aspectos Contextuais	33
3.1.2	Aspectos Ambientais	34
3.2	ASPECTOS FUNCIONAIS	35
3.2.1	Aspectos Técnicos e Compositivos	37
3.3	ESTUDO DE CASO 2 – PARQUE DE VENEZIA.....	38
3.3.1	Aspectos Contextuais	38
3.3.2	Aspectos Ambientais	39
3.3.3	Aspectos Funcionais.....	40
3.4	ESTUDO DE CASO 3 – CHS FIELD	43
3.4.1	Aspectos Contextuais	43
3.4.2	Aspectos Ambientais	43
3.4.3	Aspectos Funcionais.....	44
3.4.4	Aspectos Compositivos e Técnicos	47

4	O BAIRRO: CONTEXTO E INSERÇÃO NO MUNICÍPIO	49
4.1	VALINHOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS ...	51
4.2	ORIGEM E EXPANSÃO URBANA DE VALINHOS	52
4.3	O BAIRRO BOM RETIRO.....	54
4.4	O CLUBE	65
4.4.1	Infraestrutura existente	65
4.5	CRIANÇAS	76
4.6	A ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	78
4.7	CONDIÇÕES LEGAIS	78
5	DIRETRIZES PROJETUAIS.....	80
5.1	SÍNTESE.....	80
5.2	DIRETRIZES.....	81
5.3	PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	82
5.4	MASTERPLAN.....	83
6	PROPOSTA.....	86
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	91
	APÊNDICE A - Quadro do Zoneamento de Valinhos	94
	APÊNDICE B - Notícias	96
	APÊNDICE C - Pranchas do Projeto	98

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a bibliografia que trata de espaços públicos abertos aponta para uma tendência de declínio por conta das mudanças na nossa sociedade, tais como o advento da televisão e dos automóveis e também das novas formas de lazer individualizado. Mas será que isso realmente pode ser afirmado?

Pode-se dizer que o espaço público é aquele que tem caráter coletivo de seu uso, que é aberto e pertence a todos os cidadãos. Sua importância vem do fato de serem os principais meios pelos quais as pessoas vivenciam, se relacionam e criam vínculos com as cidades.

Entretanto, diversos fatores podem levar os espaços públicos à decadência, como a falta de manutenção ou o início de um processo de obsolescência. Como veremos no decorrer deste estudo, a deterioração destes bens públicos trazem várias consequências negativas ao seu entorno, tais como o aumento da ocorrência de crimes e a consequente falta de segurança nos bairros. Para evitar que isto aconteça, devemos cuidar dos espaços públicos e dar-lhes um uso coerente e relevante ao local onde ele se localiza, para que o fluxo de pessoas traga vitalidade ao local.

Atualmente, algumas estratégias de recuperação de espaços públicos apresentadas pelo poder público tem se mostrado puramente como uma estratégia de representação política ou *city marketing*, resultando em projetos impessoais que muitas vezes acabam expulsando os habitantes do bairro. Entretanto, não devemos ter medo de propor soluções para o aprimoramento destes locais por causa destes problemas, e sim buscar fazê-lo em conjunto com a comunidade (TANSCHKEIT, 2016).

1.1 DELIMITAÇÃO TEMÁTICA

O tema desta monografia é a recuperação de uma área degradada em um bairro residencial na cidade de Valinhos-SP através da criação de um espaço público, tendo em vista a importância deste tipo de intervenção para que os espaços urbanos possam proporcionar qualidade de vida aos seus habitantes.

O local de intervenção é o terreno de um clube esportivo da cidade, o Clube do Bom Retiro, que hoje está em estado de degradação mas que apresenta grande potencial de recuperação. Para que se possa propor um projeto que devolva a vitalidade a esta área, será analisada a literatura que trata de espaços públicos, visando entender os motivos que os levam à sua degradação e as possíveis formas de revitalização. Também serão utilizadas metodologias que permitam compreender a população moradora do bairro, que serão os principais beneficiários do local.

1.2 JUSTIFICATIVA

De acordo com a Carta de Atenas (1933), o urbanismo é encarregado de assegurar às pessoas condições de vida que preservem sua saúde física e moral, e, portanto, deve ser utilizado para viabilizar a criação de locais para que estas aproveitem suas horas livres em meio a elementos naturais. Os espaços livres nas cidades devem servir para acolher as atividades coletivas dos cidadãos, de maneira a favorecer as distrações, os passeios ou os jogos em suas horas de lazer.

Estas afirmações justificam a conveniência da criação de espaços públicos de lazer no bairro Bom Retiro em Valinhos (SP), tendo em vista a baixa disponibilidade destes em áreas próximas e a identificação desta necessidade por parte dos moradores, como veremos mais adiante.

O mesmo documento diz ainda que os quarteirões insalubres devem ser substituídos por áreas públicas. Podem também ser utilizados para a construção de edifícios indispensáveis à vida na cidade, de acordo com as necessidades locais.

Então, para abrigar este novo espaço público que está sendo proposto, partiremos de uma área dentro do bairro que apresenta problemas: O Clube do Bom Retiro. Atualmente, o clube encontra-se em estado de degradação, localizado em um terreno subutilizado e cercado por muros, impondo um limite visual e físico, que causa sensação de insegurança e afasta as pessoas de seus arredores. Entende-se que seja necessário repensar este local, a fim de aproveitar todo o potencial que ele tem de cumprir sua função social, ou seja, de servir à população do bairro.

1.3 PERGUNTA E HIPÓTESE

A partir desta interpretação, questiona-se: de que forma um novo projeto poderá contribuir para trazer vida à região, promovendo áreas de lazer, maior fluxo de pedestres e identidade ao bairro, trazendo uma nova centralidade?

Acredita-se que deve ser desenvolvido um projeto que mantenha o uso atual, mas que promova outras atividades, que sejam diversificadas e que leve em consideração a opinião dos moradores, que permita a permeabilidade visual e física e que seja acessível a todos.

1.4 OBJETIVOS

O objetivo central deste trabalho é, então, analisar o bairro a fim de compreender sua dinâmica e suas necessidades e, a partir disso, discutir maneiras de transformar o espaço decadente do Clube do Bom Retiro a fim de proporcionar-lhe uma nova identidade. Busca-se reforçar a centralidade local e promover a vitalidade urbana através da oferta de atividades que promovam interação entre os moradores, qualidade de vida e recuperação da paisagem.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Conhecer conceitos de espaço público, espaços obsoletos, centralidade local e vitalidade urbana;
- Compreender a importância dos locais públicos de convivência e seus tipos;
- Analisar as características do bairro, sua identidade e vocação;
- Identificar os motivos que levaram o Clube a ser hoje um local degradado e subutilizado;
- Propor formas de apropriação do espaço que sejam compatíveis com a necessidade de preservação do rio que corta o terreno;
- E propor espaços com base na dinâmica do bairro e necessidades dos usuários.

1.5 METODOLOGIA

Este estudo teve como ponto inicial a pesquisa exploratória, a fim de aprender sobre os espaços públicos e seus tipos, suas relações com a sociedade

através do tempo e compreender quais são características almejáveis a estes espaços e os motivos que os levam a serem abandonados.

Em seguida, realizou-se uma pesquisa analítica, a fim de conhecer obras arquitetônicas e paisagísticas que pudessem nos fornecer referências para a elaboração de diretrizes que nortearão o projeto a ser proposto.

Depois buscou-se, através de pesquisa descritiva, caracterizar a região de estudo por meio de levantamento de dados disponibilizados por órgãos de pesquisa. Cabe mencionar aqui a escassez de informações relacionadas ao bairro especificamente, tendo em vista a disponibilidade de dados estatísticos apenas tratando-se da cidade num geral, dificultando uma análise mais exata. Também foi realizada a coleta de informações em visitas de campo.

Como importava compreender os atuais e futuros usuários do local, foram aplicados dois questionários, sendo um voltado para adultos e idosos e outro para crianças. Vale dizer que o objetivo da aplicação desta metodologia não foi o de obter relevância estatística a respeito dos moradores do bairro, mas de captar suas percepções de maneira generalizada e conhecer seus hábitos e preferências. Estes questionários foram aplicados de modo presencial, com pessoas que andavam pelas ruas do entorno, e também disponibilizados em meio eletrônico, para que se pudesse obter mais respostas. Ao todo, 48 pessoas contribuíram com este estudo.

Outra restrição encontrada foi a impossibilidade da realização do levantamento histórico a respeito do Clube do Bom Retiro, uma vez que carecem de informações sobre seu projeto original, autor e ano de construção, reformas, entre outros. Admite-se que a análise da evolução do clube através do tempo é de vital importância para a compreensão do *genius loci* do local.

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Neste capítulo, será desenvolvida uma pesquisa teórica com o intuito de embasar o projeto que será proposto ao final deste trabalho.

2.1 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DE ESPAÇOS PÚBLICOS

"A cidade é o lugar que se perfila no mundo atual, onde cada vez o melhor urbanismo é aquele que cria espaços de intercâmbio" Jordi Borja (2006).

Entende-se por espaço público aquele que tem caráter coletivo de seu uso, que é aberto e descoberto, contínuo e acessível, que privilegia a inclusão. Por isso, é importante que todos os espaços públicos sejam acessíveis física e simbolicamente a todos os seus utilizadores, sem distinção de sexo, idade, classe social, raça nem religião (SOUSA, 2010).

Espaço público não é apenas aquele que foi projetado para ser espaço público. Podem ser outros espaços, como aqueles ao redor das edificações, de equipamentos culturais, de universidades. Alguns espaços podem até ser utilizados como espaços públicos por um tempo, e depois deixar de ser. Eles podem também ser intermitentes: podem ter apropriação por parte dos cidadãos, com desempenho de atividades quaisquer que forem somente aos finais de semana, por exemplo (BORJA, 2006).

O espaço público é sempre um espaço comum, regido pelo direito público, pertencente a todos os cidadãos, ou dando-lhes direitos de uso. Um bom espaço público é indicador de qualidade de vida e cidadania daqueles que moram em suas proximidades. (SOUSA, 2010).

Um dos objetivos mais importantes da cidade é o de favorecer o maior número de reuniões, encontros e competições entre pessoas e grupos diferentes, diz Mumford. Então, a função social dos espaços livres dentro das cidades seria justamente essa: a de permitir a reunião, o encontro de pessoas. E para isso, os espaços não precisam ser muito grandes, pois o que conta é a sua qualidade e acessibilidade, muito mais do que seu tamanho (MUMFORD, 1979; BORJA, 2006).

De acordo com CARMONA, 2003 (apud SOUSA 2010), os espaços públicos estão divididos, fisicamente falando, nas seguintes categorias:

Espaços públicos exteriores – são os espaços entre as zonas privadas: parques, praças, ruas, calçadas, estradas, etc. Nas zonas rurais são as florestas, lagos, rios. Estes espaços são acessíveis a todos os cidadãos;

Espaços Públicos interiores – pertencem a esta categoria todas as instituições públicas, tais como museus, bibliotecas, e também aquelas voltadas para transportes públicos (estações de trem/ônibus, portos e aeroportos, por exemplo);

Espaços Semi-públicos interiores e exteriores – São espaços privados de acordo com a lei, mas que também são parte do domínio público, tais como centros esportivos, campus universitários, cinemas, restaurantes, *shoppings centers*.

Já dizia Mumford, (1979), que há de se considerar a importância biológica dos espaços verdes dentro das cidades, tendo em vista o ar poluído a que estamos sujeitos. No entanto, mais importante do que a função biológica, é a função social dos espaços livres. O autor defende que devemos projetar os espaços livres dos bairros buscando transformá-los em comunidades equilibradas, que tenham uma população utilizadora variada e comércios locais bastante diversificados para dar-lhes vida. Devemos considerar também a implantação de áreas destinadas a jogos, passeios sombreados e jardins, pois desta forma a cidade apresentará as vantagens biológicas dos subúrbios e as vantagens sociais dos centros urbanos.

2.2 OS ESPAÇOS PÚBLICOS: FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO

Nas últimas décadas, ocorreram significativas mudanças no que diz respeito aos espaços livres nas cidades. No século XIX, com a aceleração do crescimento das cidades, parques foram criados para que funcionassem como uma barreira, e também por serem conhecidos por sua função sanitária. Como eram locais calmos e de ar puro, apresentando um contraste marcante com a área mais urbanizada da cidade, acabaram por se tornar locais de entretenimento (MUMFORD,1979). Estes espaços eram localizados nos arredores dos centros industriais, afastados dos

centros urbanos, e por isso acabavam servindo mais à burguesia, embora também fossem utilizados pelas classes mais baixas aos domingos e feriados, que era quando dispunham de mais tempo livre (ALBUQUERQUE, 2006).

Naquela época, por conta de seu afastamento, os parques eram vistos como locais de refúgio, não como parte da malha urbana. Com o tempo, foram ficando esquecidos pelo planejamento urbano por acreditar-se que não eram de grande importância. As pessoas que sentiam falta de morar próximo às áreas verdes iam se mudando para os subúrbios, onde estas eram mais abundantes, conforme suas condições lhe permitiam. Como resultado, a cidade foi ficando cada vez mais congestionada e distante do campo (MUMFORD, 1979).

De acordo com o mesmo autor, algumas das agitações do século passado acarretaram em grandes alterações nas cidades. Dentre elas, podemos citar as transformações do modo de estabelecimento humano, em decorrência do aumento de velocidade dos meios de transporte e dos meios de comunicação. Com isto, as pessoas não precisavam mais morar muito próximas às outras. Esta condição fez com que elas procurassem se assentar em locais mais afastados dos centros, onde o preço da terra era mais acessível. Com a rapidez do desenvolvimento destes locais, os edifícios foram se assentando livremente, sem muito planejamento. Porém, conforme a pressão demográfica aumentava, novos edifícios foram ocupando os lugares antes ocupados pelas árvores e jardins, resultando em uma escassez de espaços livres e trazendo um caráter anti-social aos bairros outrora agradáveis e convidativos (MUMFORD, 1979).

Com esta redução de disponibilidade de espaço público para a vida pública, algumas atividades que antes eram desempenhadas em domínio público passaram a ser desempenhadas em domínios privados (SOUSA, 2010). Mas, de acordo com Borja (2006), a apropriação privada não apetecia a burguesia da época, porque desta forma estes não tinham onde se mostrar. A burguesia necessitava de espaços para se apresentar e se encontrar com ela mesma. Então foram criados os passeios, as alamedas, as avenidas. Em algumas cidades até se normatizou um código de vestimenta para passeios: devia-se usar paletó. Gravata, nos locais onde se jantava. Era como uma medida de exclusão social. No final do século XIX, as políticas de

espaços públicos das cidades europeias tinham um objetivo de embelezamento e até uma monumentalização da cidade (BORJA, 2006).

Segundo Mumford (1979), em decorrência da transferência de trabalhadores do setor primário para o setor terciário ou para as profissões liberais, ocorreu uma diminuição geral nas horas de trabalho das pessoas, fazendo com que não só uma classe, mas a população em geral possuísse algumas horas livres diárias para o lazer. Para que essa emancipação não se convertesse em castigo, deveriam ser fornecidos a estas pessoas meios de recreação. A origem do espaço público foi, portanto, uma reivindicação classista em oposição ao movimento de privatização da cidade.

Nesta época, a vida era, em grande parte, pública. As crianças brincavam nas ruas e parques, os casais faziam corte nos espaços externos. A maior parte das formas de diversão tinham de ser públicas: da partida de futebol ao passeio nos finais de semana e feriados (HOBSEBORN, 1995).

A maior oferta de emprego e o surgimento de uma sociedade de consumo de massa após a Segunda Guerra Mundial transformou a vida das pessoas. A televisão tornava desnecessário sair de casa para ir ao jogo de futebol ao cinema. Os telefones substituíram as fofocas nas praças. "A prosperidade e a privatização destruíram o que a pobreza e a coletividade na vida pública haviam construído", segundo Hobsbawm (1995).

Atualmente, o espaço público tem desempenhado funções diferentes das que desempenhava antigamente. De acordo com Sousa (2010), até o século passado, as atividades de lazer e consumo, por exemplo, que só estavam disponíveis de forma pública e coletiva, hoje estão disponíveis de forma individualizada e privada, enquanto os desenvolvimentos desafiam o uso do espaço público (inicialmente os automóveis e depois a internet). A vida pública tem acontecido majoritariamente nos espaços privados, pois estes oferecem uma sensação de segurança. Os grandes parques urbanos, os projetos de vias para pedestres, os pontos de encontro, foram aos poucos sendo substituídos por outros lugares, como áreas verdes dentro de condomínios fechados e o lazer em *shopping-centers*. Entretanto, precisamos compreender que não é o espaço público que gera insegurança, assim como não é o espaço privado que os elimina, mas os esconde, e

talvez até os aumente. O que muda nesta esfera pública é a ausência de diversidade de grupos, cada vez mais homogeneizados nestes novos espaços coletivos privativos, já que seu uso é seletivo e controlado (GUTMANN, 2011).

2.3 OS ESPAÇOS PÚBLICOS HOJE

A literatura que discute as mudanças nos espaços públicos aponta para as várias transformações que ocorreram nos últimos anos, que incluem desde casos de privatização de espaços abertos – como é o caso dos espaços de lazer dentro dos condomínios – até uma diminuição da utilização dos espaços públicos da cidade em troca da convivência em locais semi-públicos, como é o caso dos *shopping-centers*. Estas mudanças abrem para várias interpretações, no entanto, a tendência seria concluirmos que os espaços públicos tradicionais remanescentes estariam em processo de declínio, tendo em vista que não são hoje o principal local de encontro das pessoas. Porém, outros estudos realizados nos dizem que esse fato não pode ser generalizado (ANDRADE, JAYME & ALMEIDA, 2009; GUTMANN, 2011).

Embora as formas de utilização e interação nos espaços públicos tenha sofrido significativas alterações – motivadas, em grande parte, pelo sentimento de insegurança –, Andrade, Jayme & Almeida, a partir de estudo realizado em 4 praças de Belo Horizonte (Praça J.K., Praça Lagoa Seca, Praça X e Área de Esporte e Lazer da Via Expressa), notaram que alguns espaços públicos ainda mantêm grande vitalidade. Atualmente, o uso principal destes locais é para a realização de exercícios físicos.

Observaram, ainda, que a apropriação dos espaços estudados se dá de forma diferente conforme os grupos sociais. As pessoas de maior poder aquisitivo costumam demonstrar um comportamento mais vigilante e cauteloso quando nos espaços públicos, e acabam por dar preferência à utilização dos espaços semi-públicos. Em contrapartida, os grupos das camadas mais baixas costumam frequentar mais os espaços públicos tradicionais, próximos às suas residências, e que no geral encontram-se em estado de degradação, tendo sido abandonados pelo poder público e até pela polícia (ANDRADE, JAYME & ALMEIDA, 2009).

Portanto, conclui-se que não existe uma rejeição à praça, o que existe é um comportamento segregacionista, uma recusa em interagir com as diferenças. Assim sendo, pode-se dizer que uma das maiores qualidades dos espaços públicos, que é a possibilidade de encontros e interações entre diferentes, vem sendo evitada pelos novos usuários destes espaços (GUTMANN, 2011).

2.4 REVITALIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DEGRADADOS

Os processos de revitalização de espaços urbanos são a expressão de uma tendência vanguardista do urbanismo e paisagismo contemporâneos. O grande mérito destas propostas está na sua própria gênese: devolver a vitalidade e conter o processo de deterioração destes espaços (ROBBA & MACEDO, 2009).

A recuperação de espaços públicos significa, nos dias atuais, melhorar a imagem dos bairros, criando ou reforçando uma identidade, o que contribui para a criação de um espírito de comunidade e pertencimento; dinamizar o comércio local, gerando novos empregos; otimizar o uso da infraestrutura existente (sistema viário, saneamento, energia e transporte coletivo) e readequar o projeto à uma nova dinâmica urbana estabelecida com a transformação e o crescimento da cidade (CASTILHO & VARGAS; SOUSA, 2009).

O objetivo destas intervenções deve ser o de proporcionar personalidade aos locais que as recebem, considerando a sua capacidade potencial para a alteração da paisagem e do ambiente urbano, tornando-os visíveis e integrados à cidade. Essas estratégias de mudança propostas para os espaços urbanos obsoletos devem considerá-los espaços com dinâmicas de revitalização urbana, permitindo que passem de um estado obsoleto para outro que não o seja (SOUSA, 2009).

Muitas vezes, uma reforma é indispensável para a recuperação dos espaços, porém, atrás dela podem estar escondidas estratégias de valorização do solo urbano e de representação política. Não raro, deparamo-nos com situações nas quais um parque público é vendido pela administração local e por seus parceiros empresários como um objeto de consumo, apresentado em forma de estratégias segregacionistas de requalificação urbana (GUTMANN, 2011).

Dito isto, cabe discutir sobre as estratégias de implantação de projetos públicos nas cidades para benefício dos moradores e sua relação com a gentrificação. Por definição, a gentrificação se refere à melhoria social, cultural e econômica de um local, que acarreta no deslocamento de residentes quando estes não conseguem mais pagar pela habitação ou outros serviços oferecidos no bairro, devido à crescente riqueza da área. *Placemaking* é o processo de planejar espaços públicos de qualidade que contribuem para o bem-estar da comunidade local, com o objetivo de trazer vitalidade aos bairros (TANSCHHEIT, 2016).

Para ser *placemaking*, o projeto deve ser desenvolvido junto a moradores do local, reconhecendo suas necessidades e desejos e considerando suas opiniões para a tomada de decisões. Diferentemente do *placemaking*, a gentrificação é guiada, com ou sem a influência do governo, por objetivos econômicos, com a intenção de valorização ou desvalorização dos espaços urbanos ao longo do tempo (TANSCHHEIT, 2016).

2.5 TIPOS DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER

Antes de projetar os espaços urbanos destinados ao lazer da população, faz-se necessário um estudo das suas características e tipos. Sandalack e Uribe (2010) explicam que Tipologia é o estudo dos elementos que não podem ser subtraídos. "Tipo" não é um todo a ser replicado, mas uma idéia ou elemento que serve de regra para o modelo. É um princípio que orienta a criação de uma forma ou de um espaço, sem que este seja necessariamente parecido com outros que seguem o mesmo princípio.

As tipologias de formas construídas servem de base para projetos arquitetônicos, na qual a escolha dos elementos estruturais, a forma e setorização são baseadas em um princípio definido. Entretanto, quando se trata de espaços públicos, o mesmo não acontece. O desenvolvimento de uma tipologia para estes espaços pode ajudar a compreender as relações entre a forma física dos espaços abertos, as funções que este oferece e a relação com as formas de outros elementos construídos no seu entorno (SANDALACK & URIBE, 2010). E o estudo desta tipologia se faz muito importante, já que, de acordo com Sousa (2010), as

características dos espaços públicos podem interferir nas relações sociais das quais são palco, de maneira a inibi-las ou estimulá-las.

A tipologia dos espaços públicos também deve ser considerada na morfologia urbana. Um espaço por si só não tem tanto sentido como espaço público— ele deve ser conceituado e projetado de maneira que se relacione com o seu contexto físico e espacial. No desenho dos espaços urbanos, precisam ser consideradas as qualidades e características dos espaços e as condições de seu entorno, assim como a relação com a infraestrutura de ruas e espaços adjacentes (SANDALACK & URIBE, 2010).

2.6 RUAS

"As ruas e suas calçadas são os principais locais públicos de uma cidade, seus órgãos mais vitais". Jane Jacobs (2013)

No início dos anos 1900, as ruas eram consideradas domínios públicos e as cidades eram responsáveis por plantar canteiros com árvores entre as vias para carros e as calçadas, estabelecendo um limite muito claro sobre o que era público e o que era privado. Estas eram as ruas mais caminháveis. Porém, após a 2ª Guerra Mundial, uma grande mudança ocorreu nas ruas: elas passaram a ser projetadas para melhorar a eficiência do tráfego, e assim as cidades deixaram de se responsabilizar pela arborização urbana, que ficou a cargo dos moradores. Desta forma, as árvores passaram a ser plantadas dentro dos terrenos, mais distantes das calçadas, retirando o referencial de escala humana e tornando-as menos atrativas para os pedestres (SANDALACK & URIBE, 2010).

Atualmente, a principal função das ruas ainda é servir de infraestrutura para automóveis trafegarem, muito diferente dos instrumentos multifuncionais que foram uma vez. Nota-se que, nas melhores partes das cidades, elas ainda mantêm essa característica. É um fato que espaços destinados aos pedestres são o principal meio pelo qual exploramos a cidade. A partir desta afirmação, os autores questionam: "quantos de nós exploramos Paris, Barcelona, Nova Iorque, Londres ou Montreal de dentro de um carro?". A experiência urbana é vivida, necessariamente, a pé. O

maior componente do domínio público é a rua. Nós reconhecemos boas ruas quando estamos nelas, e nossas memórias em muitas cidades são delas. Elas traduzem o espírito da vida pública dos locais onde estão inseridas (SANDALACK & URIBE, 2010).



Figure 1 Avenida Champs-Élysees

Fonte: Leonardo Stabile.

Pode-se dizer que o caráter da rua resulta do seu entorno. O lado de fora de uma construção é o lado de dentro da rua, e, dessa perspectiva, os edifícios são importantes para os espaços não construídos que formam (SANDALACK & URIBE, 2010).

Prestando atenção à Figura 1, podemos notar algumas características das ruas comerciais que obtiveram sucesso. Elas sempre são margeadas por edifícios de uso misto, geralmente alinhados às calçadas, com lojas no térreo e escritórios ou apartamentos nos andares superiores. Os lotes normalmente são estreitos, possibilitando uma variedade enorme de usos ao longo da extensão da rua, além de um fluxo variado de pessoas (SANDALACK & URIBE, 2010). Jacobs (2013) diz que é importante também que alguns dos estabelecimentos comerciais funcionem à noite, tais como bares e restaurantes. Assim, além de atrair pessoas para os locais onde estão estes atrativos, atraem também o tráfego para lugares que não tem seus próprios atrativos e que nem tenham esta vocação, que acabam se tornando locais de passagem vivos, aumentando sua segurança (JACOBS, 2013).

Sandalack & Uribe (2010) afirmam que a configuração ideal das ruas para que se promova uma "cultura peatonal" são edifícios alinhados a uma boa e ampla calçada, arborização urbana, mobiliário ergonômico e localizado em pontos estratégicos. Porém, somente isto não é o suficiente para fazer com que as pessoas sintam vontade de frequentar as ruas.



Figure 2 Rua XV de Novembro

Fonte: Antônio More/ Gazeta do Povo.

Segundo Jacobs (2013), para que as ruas sejam realmente capazes de atrair pessoas, além das características citadas acima, estas devem apresentar também outras qualidades. A primeira é a demarcação clara entre o que é público e o que é privado. Em segundo lugar, são os olhos para vigiar a rua, ou seja, é necessário que os edifícios que margeiam as ruas tenham aberturas voltadas para estas, para que as pessoas que estão dentro possam exercer o papel de vigilantes. Em terceiro lugar, as calçadas devem ser utilizadas quase que ininterruptamente. Este seria um meio de aumentar a vigilância nas ruas, já que uma calçada cheia de gente é muito mais atrativa do que uma janela que dá para uma rua vazia. Essas ruas também devem ser localizadas em áreas cujo raio de influência apresenta uma boa densidade populacional, o que lhes permite ter uma boa intensidade de uso.

Deveríamos também dar atenção especial às ruas residenciais, pois são importantes espaços públicos de vizinhança. As características que as fazem bem-sucedidas são diferentes das que fazem as ruas comerciais bem-sucedidas. As ruas como espaços públicos precisam de boas calçadas, arborização urbana e canteiros, para se adequar à escala humana e dar mais aconchego àqueles que as utilizam. Se não apresentam essas características, tendem a ser simplesmente vias por onde passam os carros e ambientes hostis para pessoas (SANDALACK & URIBE, 2010).

Além das características físicas, o bom funcionamento das ruas residenciais também está ligado ao grau de existência do que Jacobs (2013) chama de "sentimento inconsciente de solidariedade" entre os frequentadores, que é desencadeado pela confiança. Esta confiança vai se estabelecendo através de vários pequenos contatos que as pessoas têm umas com as outras, tais como uma conversa na fila da padaria, um pedido de opinião a um comerciante, entre outros. É a soma destes pequenos encontros que cria nos habitantes o sentimento de personalidade coletiva e instaura um clima de confiança e respeito, cuja ausência é catastrófica para a rua (JACOBS, 2013).

2.7 PRAÇAS

As formas dos espaços públicos surgem, historicamente, de maneira orgânica, de acordo com as necessidades de cada sociedade. Com as praças, foi isto o que aconteceu: elas surgiram da necessidade de espaços para abrigar as atividades de comércio e para a tomada de decisões coletivas; de local para as comemorações e os encontros; de um símbolo/identidade para a comunidade, enfim, de um "centro" facilmente acessível para a realização de diversas funções. Para cada sociedade, uma forma de praça (BARTALINI, 2007).

O espaço urbano tido com o precursor das praças foi a Ágora, na Grécia, na qual a representação da centralidade era expressa por um vazio. Este espaço vazio era utilizado pelos militares, que se reuniam em círculo para realizarem debates, nos quais todos tinham direito à palavra. Quem desejava falar se colocava no centro do círculo, falava, e então voltava ao seu lugar, para que outro pudesse vir ao centro do círculo e respondê-lo. A Ágora grega era um espaço aberto, normalmente delimitado

por um mercado, em que todos os cidadãos poderiam debater e decidir em comum os negócios que lhes concerniam coletivamente (BARTALINI, 2007; BARBOSA & VIERO, 2009).

Embora a *Ágora* tenha descendido de uma forma circular, esta não é a única forma possível de praça. Esta poderia ser definida morfologicamente pelas edificações que formavam o seu entorno, ou também se apresentar na forma de palco com platéia, no qual os oradores subiriam um a um e falariam aos demais. Inclusive, a palavra praça tem sua origem etimológica no vocábulo latino *platea*, que significa rua larga (BARTALINI, 2007).

As praças são equipamentos importantes para a construção da identidade e paisagem urbana de um bairro, podendo servir também como ponto de encontro dos moradores. Em muitos locais, a praça é o local de lazer mais próximo de onde residem as pessoas, podendo apresentar áreas para jogos, parquinhos para crianças, ciclovias e pistas para caminhada, mobiliário para descanso e realização de exercícios físicos, entre outros (BARBOSA & VIERO, 2009).

Os autores ainda pontuam que, além da função social, a presença da praça também é benéfica do ponto de vista ambiental: ela promove um distanciamento entre os edifícios, resultando em uma melhora na insolação e ventilação (especialmente vantajoso em áreas muito adensadas). Ela também ajuda no equilíbrio térmico das cidades, uma vez que as superfícies de seus canteiros não refletem tanta radiação quanto áreas pavimentadas. A cobertura vegetal também ajuda na drenagem das águas pluviais e evita a erosão do solo.

De acordo com Macedo & Robba (2002), no Brasil, as praças tiveram sua gênese na cidade colonial, por conta de sua forma de assentamento. No geral, os centros das cidades eram organizados a partir de uma capela e seu adro, enquanto o espaço ao seu redor se destinava ao cemitério e edificações que compunham as vilas.

Os adros, como são chamados os espaços livres em frente às igrejas, são os espaços de formação da praça brasileira. Eles reuniam pessoas que desempenhavam uma infinidade de atividades diferentes, sendo considerado o polo mais importante da vila. Por isso, acabavam por atrair para o seu entorno as mais

ricas residências, os prédios públicos mais importantes e os comércios mais relevantes, edificações que acabavam por definir os seus limites físicos (MACEDO & ROBBA, 2002).

Podemos classificar as praças nas seguintes categorias (MACEDO e ROBBA, 2002 apud BARBOSA & VIERO, 2009):

Praça Jardim – são aquelas nas quais o contato com a natureza e contemplação dos jardins são priorizados. Elas podem ser fechadas, como no Passeio Público de Curitiba ou então abertas;

Praça Seca – são espaços para intensa circulação de pedestres ou então largos históricos. Nestas praças, é comum não existir nenhum tipo de arborização ou canteiro. Nelas, o elemento mais importante é o espaço gerado pelas edificações e é a relação entre o espaço construído e não construído que traz a noção de escala humana.

Praça Azul – são consideradas praças azuis aquelas nas quais a água tem papel de destaque, com fontes e espelhos d'água, por exemplo;

Praça Amarela – é nesta categoria que se encaixam as praias e orlas.

2.8 PARQUES URBANOS E PARQUES LINEARES

Os bons parques urbanos não são aqueles que dão continuidade às atividades das cidades. Muito pelo contrário, eles servem para ligar funções semelhantes por meio de um elemento de lazer, aumentando a diversidade do meio ambiente (JACOBS, 2013).

Eles costumam ser áreas de médio porte, entre 10 e 50 hectares, envolvidas pelo tecido urbano ou ao menos muito próximas, conectado ao sistema viário. Costumam incluir áreas destinadas a exposições, feiras, lagoas de recreação e esplanadas para grandes eventos. São áreas predominantemente verdes, com presença de mata nativa e gramados, e tem o objetivo de serem locais de recreação de baixo custo (MASCARÓ, 2008).

Sobre os parques lineares, podemos considerá-los como importantes áreas de recreação, que servem como caminho de acesso a outras áreas verdes de lazer.

É uma boa estratégia conceber uma infraestrutura de diferentes espaços abertos interligados por um sistema de parques lineares. Idealmente, o parque linear se baseia na estrutura ambiental do sítio, e deve vincular os principais nós. É interessante, ainda, que possuam ciclovias, além de pista de caminhada e mobiliário para descanso ao longo de sua extensão (SANDALACK & URIBE, 2010).

Jacobs (2013) alerta que, para bairros que já possuem grande variedade de atividades, os parques são um atrativo complementar. Agora, para bairros tediosos e deprimentes, novos parques podem acentuar sua falta de segurança e atrativos.

"quanto mais uma cidade consegue misturar em suas ruas funções diversas e cotidianas, mais ela aumenta sua probabilidade de poder, sem grandes gastos, animar e manter parques bem localizados", sendo para a vizinhança locais de prazer e beleza.

2.9 ESPAÇOS PARA ESPORTE E RECREAÇÃO AO AR LIVRE

Nesta categoria entram os clubes esportivos, caracterizados por possuírem infraestrutura para a prática de esportes ao ar livre e recreação. A distribuição de espaços abertos deste tipo é geralmente baseada em população. Os campos de jogo têm uma área de abrangência maior do que playgrounds, por exemplo, e por isso podem ser mais afastados uns dos outros (SANDALACK & URIBE, 2010).

Os equipamentos presentes nos clubes dependem dos costumes da população, podendo apresentar campo de futebol, quadras de vôlei, tênis, bocha, pista de skate. Eles exigem a implantação de uma infraestrutura para manutenção, por isso podem variar em seu grau de publicidade, como ser fechados apenas para sócios ou então aberto ao público, mediante o pagamento de uma taxa de utilização (MASCARÓ, 2008).

Também nesta categoria se incluem os espaços para recreio infantil e juvenil. Por motivos de segurança, devem estar em locais protegidos do trânsito de veículos, sendo assim uma opção interessante colocá-las numa rua sem saída em um cul-de-sac. Não é recomendado que estejam ligados a espaços destinados a jovens, mas é bastante interessante que estejam ligadas a espaços para idosos ou adultos (MASCARÓ, 2008). Jacobs (2013) concorda, e diz que é no contato com os

adultos que as crianças encontram nestes espaços que elas descobrem os princípios fundamentais da vida urbana. Os espaços abertos para adultos e idosos também devem ser separados dos espaços para jovens, embora possam estar no seu prolongamento visual. Devem apresentar equipamentos para a prática de esportes (tais como bocha) e jogos (mesas de xadrez e damas), e também percursos para caminhada. É interessante também que apresentem mobiliário para descanso, tais como bancos (MASCARÓ, 2008).

3 ESTUDOS DE CASO

As obras aqui analisadas foram escolhidas a partir de características que tenham afinidade com o objeto de estudo deste trabalho. Foram buscadas aquelas que tratassem de projeto de revitalização de locais públicos, a fim de se analisar as estratégias urbanas utilizadas; obras que possuem infraestrutura relacionada aos esportes (afinal, a proposta a ser desenvolvida ao final deste trabalho terá em seu programa um clube de futebol), a fim de obter referências de estratégias de implantação, partido adotado e integração com o entorno; e obras que tivessem as características de parque/praça, explorando setorização, condicionantes físicas e relação com o entorno. As obras foram estudadas a partir de aspectos contextuais, buscando entender o motivo de sua construção, a população atendida e os aspectos históricos do sítio, quando pertinente. Os aspectos ambientais, a fim de compreender a sua relação com o local de inserção, suas conexões, acessos e as condicionantes envolvidas. Aspectos funcionais, a fim de conhecer o seu programa de necessidades e setorização. Aspectos técnicos e compositivos, a fim de entender a concepção estrutural, os materiais utilizados e outros elementos compositivos.

3.1 ESTUDO DE CASO 1 – THE GOODS LINE

O primeiro estudo de caso apresenta um percurso linear em uma zona urbana da cidade, com áreas para jogos, descanso e passagem. A obra foi escolhida por que uma das propostas deste estudo será a implantação de um trajeto linear ao longo de um rio.



Figure 3 The Goods Line

Fonte: ASPECT Studios

3.1.1 Aspectos Contextuais

Este espaço foi projetado pelos escritórios ASPECT Studios e CHROFI em 2015, como parte de um projeto de revitalização de uma área urbana em Sydney, Austrália. O local em questão foi uma antiga linha férrea que operou até 1854, como rota de um trem de transporte de carga industrial, e depois foi completamente abandonada.

O objetivo do projeto foi, então, de reintegrar este corredor à cidade e fazer dele um polo cultural, que funcionasse como ligação de dois espaços importantes, a Praça de Trens e o Porto Darling.

O projeto está situado em uma das áreas mais densas da capital australiana, próxima a instituições culturais e educativas, como o Museu Powerhouse, a Universidade de Tecnologia de Sydney, o instituto TAFE NSW e a prefeitura municipal. O projeto atende à população que frequenta estes espaços, entre locais e turistas.

Esta obra foi projetada para ser construída em duas etapas: a seção norte e a seção sul. A seção norte, aqui analisada, conta com 273 metros de extensão e área de 6.995m²

3.1.2 Aspectos Ambientais

Como o projeto consiste em um eixo de conexão, uma parte importante foram os acessos ao local, estudados para acolher pessoas que viriam de diferentes direções, e pensados de maneira que o projeto não se tornasse, de maneira alguma, um limite. Também foi feito um levantamento da malha ciclovária existente no entorno, de modo a interligá-la com a Goods Line. O projeto também considera um eixo de expansão futura.

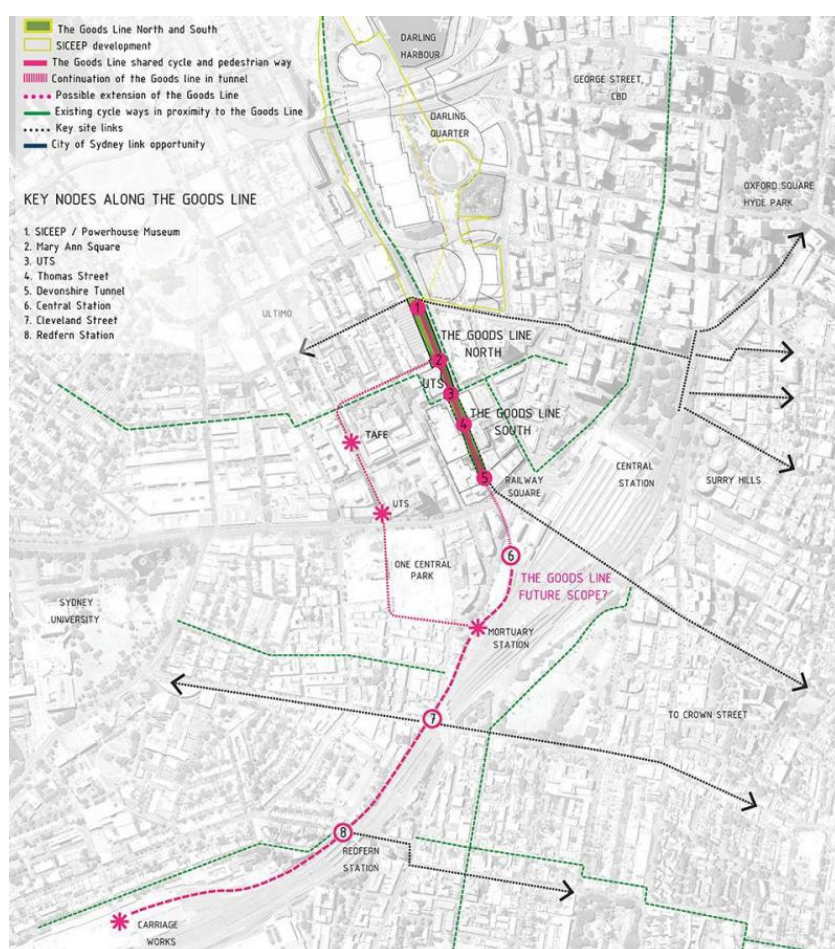


Figure 4 The Goods Line – Conexões

Fonte: ASPECT Studios

3.2 ASPECTOS FUNCIONAIS

Apesar da característica de conexão, o projeto se propõe a ser não apenas um local de passagem, mas de descanso e recreação. Para isto, criou-se um percurso intencionalmente não-linear (Figura 5), com a formação de sub-espços, cada qual com uma função.



Figure 5 Setorização The Goods Line

Fonte: ASPECT Studios, modificado pela autora

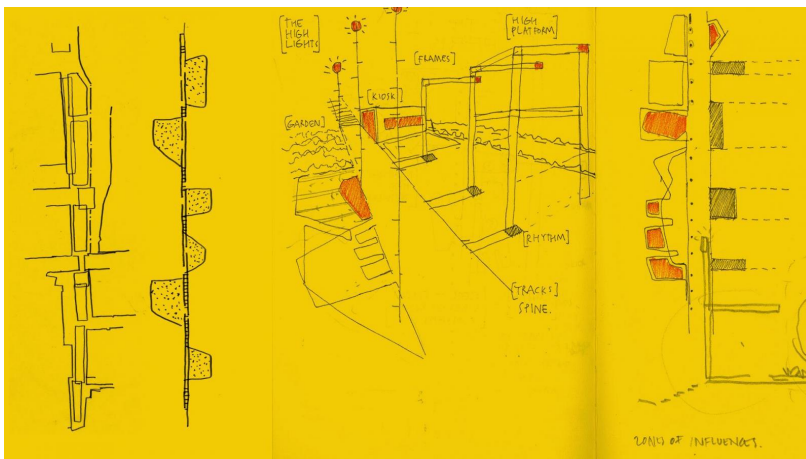


Figure 6 The Goods Line – Partido do projeto

Fone: ASPECT Studios

Nota-se que o projeto se dá a partir da circulação principal, que distribui os fluxos através dos sub-espços, de uso alternado ao longo do percurso. O programa contempla a criação de locais de recreação infantil, mesa de tnis, locais para descanso sombreado e não sombreado (bancos e gramados), local para a realização de exercícios, locais de estudo e um anfiteatro. Também prevê a criação de infraestrutura para serviços, como bares, cafés e restaurantes, para dar-lhe vida em todas as horas do dia.

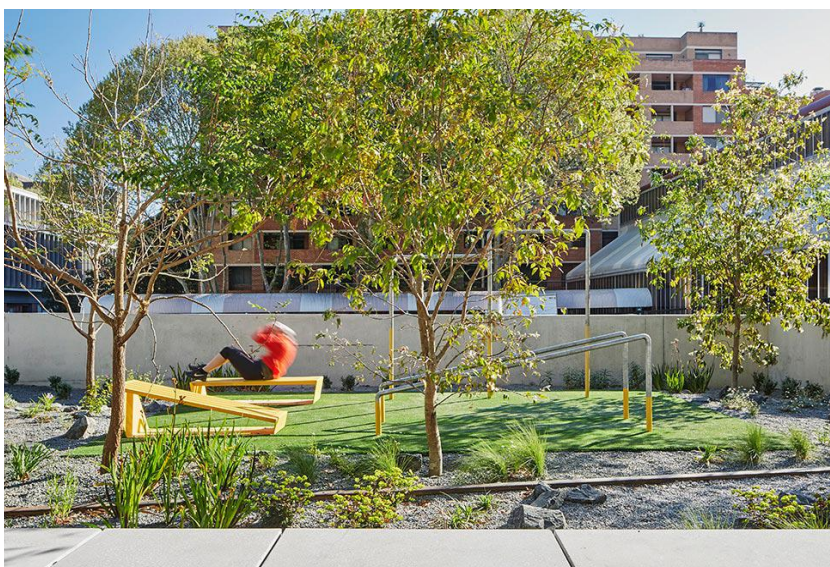


Figure 7 The Goods Line – academia ao ar livre

Fonte: ASPECT Studio

A imagem acima mostra uma academia ao ar livre instalada em um dos sub-espços do projeto.

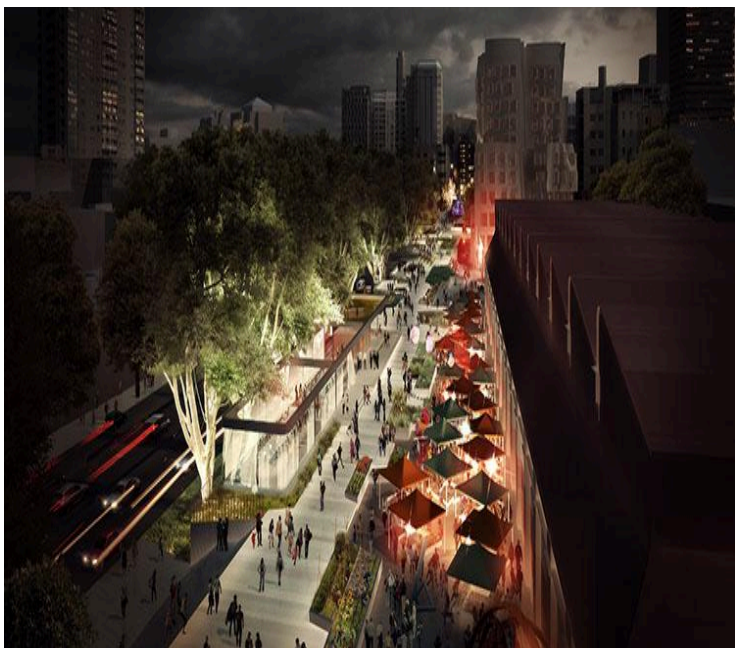


Figure 8 The Goods Line – Representação de uso noturno

Fonte: ASPECT Studio

O uso noturno foi previsto através da criação de comércio e serviços que funcionam neste horário.

3.2.1 Aspectos Técnicos e Compositivos



Figure 9 The Goods Line – Testemunho dos trilhos

Fonte: ASPECT Studio

O projeto busca preservar a memória do antigo uso do local, a partir de "testemunhos", pedaços dos antigos trilhos que são deixados à mostra nas partes

onde o percurso está no nível do terreno. Outro elemento que remete ao passado é o fato de partes do corredor estarem sobre uma plataforma elevada, além da escolha dos materiais utilizados, que remetem à infraestrutura ferroviária, como o aço, concreto, madeira e cascalho.

Além dos elementos supracitados, o mobiliário marcante e desenvolvido exclusivamente para a Goods Line também é um elemento que dá identidade ao projeto.

3.3 ESTUDO DE CASO 2 – PARQUE DE VENECIA

Este projeto foi escolhido por se tratar de uma obra de revitalização de um bairro residencial por meio da construção de um espaço público de lazer, assim como o projeto que será proposto neste estudo.

3.3.1 Aspectos Contextuais



Figure 10 Parque Recreativo Venecia – vista aérea

Fonte: Archdaily

O Parque Recreativo de Venecia foi projetado por Jaime Alarcón Fuentes em 2014 e está localizado na cidade de Temuco, no Chile. Ele faz parte de um projeto público de revitalização de bairros em áreas críticas da cidade, e vem para suprir a necessidade por espaços públicos que ofereçam atividades de lazer,

esporte e integração dos moradores. O projeto possui 8.400m², e contou com a participação dos moradores desde a sua etapa de concepção, o que resultou em um programa que suprisse as suas necessidades e ainda desse uma identidade ao bairro.

3.3.2 Aspectos Ambientais



Figure 11 Parque Venécia – Piquenique

Fonte: Archdaily

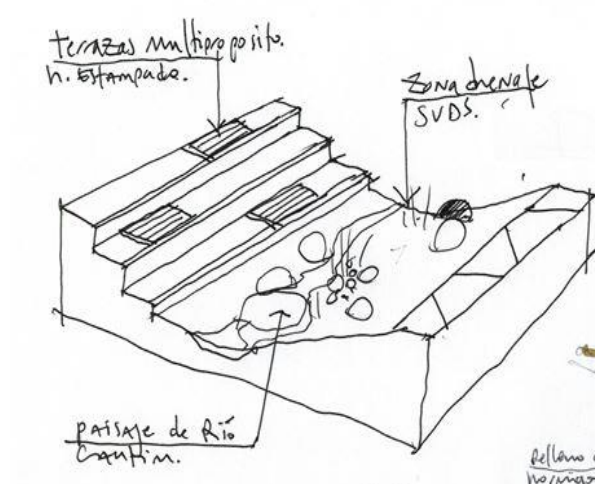


Figure 12 Parque Venécia – esquema de concepção

Fonte: Archdaily

Uma das condicionantes do terreno era a presença do rio, que foi utilizada como pretexto para a criação de plataformas em diferentes níveis. Nestes espaços, tomou-se o cuidado de não impermeabilizar uma área muito grande de superfície, a fim de se evitar problemas em períodos de cheia do rio.

Também foram criadas, a partir de movimentação de terra dentro do terreno, dunas artificiais, com o objetivo de configurarem um espaço lúdico.

3.3.3 Aspectos Funcionais

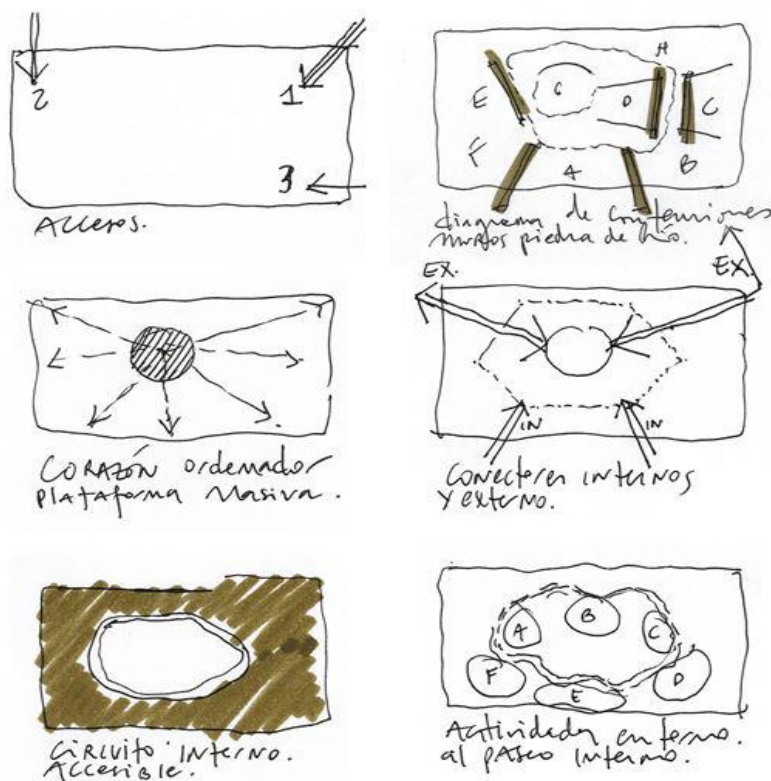


Figure 13 Parque Venecia – esquemas de concepção gerais

Fonte: Archdaily

O projeto possui um espaço circular central, ao qual são conectados os eixos de circulação principais do parque. Circulações secundárias são distribuídas de maneira a conectar os eixos principais entre si.

O programa inclui áreas de brincadeiras típicas chilenas (como pau-de-sebo e amarelinha), outras áreas de recreação infantil, divididas em grupos etários, áreas para jogos (bocha, xadrez, dama, tênis de mesa), espaços multiuso, bicicletário e área para jardins.

Os espaços multiuso, como o nome sugere, são aqueles que podem ser utilizados da forma em que forem mais adequados para o momento, podendo variar de acordo com a época do ano, o clima, ou a chegada de períodos festivos. Fazem

parte destes espaços o palco para grandes apresentações, a plataforma de piquenique e o campo multiuso.

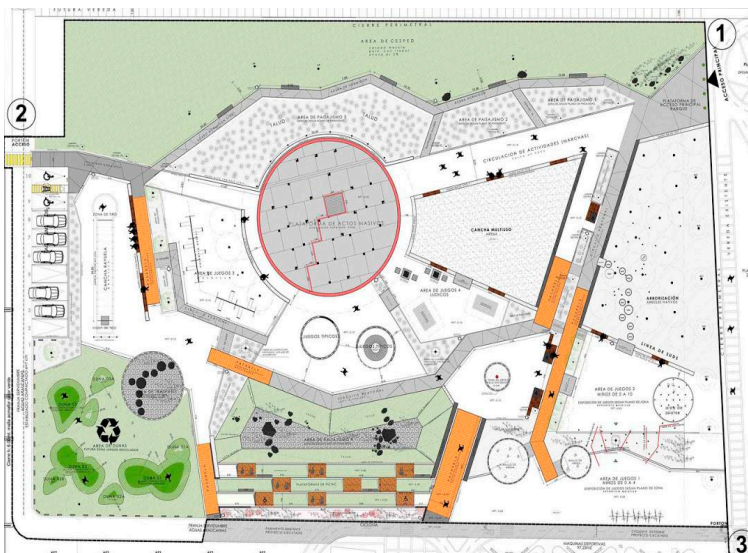


Figure 14 Parque Venécia – planta

Fonte : Archdaily

O campo multiuso foi criado com o propósito de suprir a necessidade de um local para a realização de atividades de escoteiros e também atividades escolares. Pode também ser utilizada para a prática de exercícios, como ioga.



Figure 15 Parque Venécia – setorização

Fonte: Base Archdaily, modificada pela autora

Nota-se que a maior porção de área do parque é destinada a espaços multiuso, seguido por espaços de recreação infantil, espaços para jogos e áreas verdes.

Quadro de áreas				
Índice		Área (em m2)	Setor	Área (em m2)
1	Cancha de Bocha	219	Jogos	534
2	Área de jogos	315		
4	Área de jogos típicos	289	Recreação infantil	1157
5	Área de jogos lúdicos	135		
6	Área de pau-de-sebo	153		
7	Recreação infantil de 5 a 10 anos	252		
8	Recreação infantil de 0 a 4 anos	328		
3	Plataforma de atos	380	Espaços multiuso	1371
9	Plataformas para piquenique	204		
10	Área de dunas	471		
A1	Espaço multiuso	316		
A2	Arborização	500	Áreas verdes	500
			Total	3562

Figure 16 Parque Venecia – Áreas

Fonte: Archdaily, modificado pela autora

O projeto busca dar uma identidade ao local através do uso de materiais de cores e texturas diferentes, tanto para pisos quanto para mobiliário, contrastando com as partes ajardinadas. Foram utilizados materiais como madeira, concreto, alvenaria e pedras naturais.



Figure 17 Parque Venecia – materiais utilizados

Fonte: Archdaily

3.4 ESTUDO DE CASO 3 – CHS FIELD

Este projeto foi escolhido por se tratar de um estádio para um clube esportivo (embora não seja o futebol), e por apresentar um partido que enfatiza a permeabilidade do local.

3.4.1 Aspectos Contextuais



Figure 18 CHS Field – Vista do campo

Fonte: Snow Kreilich

A obra trata-se de um estádio de *baseball*, casa dos clubes St. Paul Saints e Hamline University Pipers, da cidade de Saint Paul, nos Estados Unidos. O projeto foi desenvolvido pelo Snow Kreilich Architects com a colaboração de outros dois escritórios, AECOM e Ryan A+E. O estádio ocupa uma área total de 23.000m², tem capacidade para 7.210 pessoas e pode ser alugado para sediar outros eventos além do baseball, como festivais, por exemplo.

3.4.2 Aspectos Ambientais

O projeto foi construído em um terreno onde funcionava uma fábrica de aparelhos de barbear Gillette, e os arquitetos optaram por manter algumas das estruturas existentes, a fim de se evitar grandes demolições e deslocamentos de

terra. Foram utilizadas as lajes, paredes e pilares da antiga fábrica, e o restante de material foi utilizado como agregado na construção das partes novas.

Além da fábrica, no terreno onde foi construído o estádio havia também um parque, conhecido como "Dog Park" (ou parque dos cachorros), que é muito querido pelas pessoas. A opinião dos moradores foi então respeitada e o parque recebeu melhorias, como uma fonte para cães, espaço para que eles pudessem correr livres e iluminação, para que possa ser utilizado até mais tarde em algumas épocas. O parque tem uma área de 17.585 m², e a partir dele é possível assistir aos jogos que acontecem dentro do estádio de maneira gratuita.

O projeto também apresenta uma preocupação com a sustentabilidade, visto que possui infraestrutura para a coleta de águas pluviais que servirão para regar o gramado e painéis solares para a geração de energia.

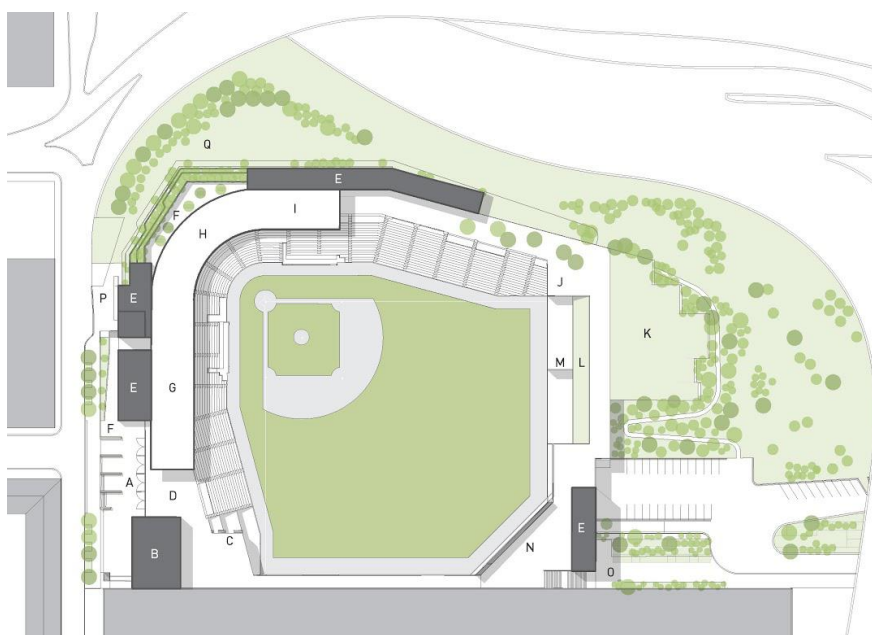


Figure 19 CHS Field – implantação

Fonte: Snow Kreilich

3.4.3 Aspectos Funcionais

A praça na entrada do estádio serve como uma extensão do mercado de agricultores ao ar livre que funciona do outro lado da rua, oferecendo infraestrutura de banheiros.



Figure 20 CHS Field – Acesso principal

Fonte: Snow Kreilich

No século 19, quando surgiu o *baseball*, o esporte era praticado em campos abertos e parques públicos, e esta referência foi trazida para o projeto. Esta obra se diferencia muito dos outros estádios esportivos pelo mundo: ao invés de se fechar em si, ela se abre para a cidade.

Uma das diretrizes projetuais da obra foi a permeabilidade visual, então, o campo e os assentos foram alocados abaixo do nível da rua, permitindo aos transeuntes a observação do que está acontecendo lá dentro, inclusive o placar do jogo.

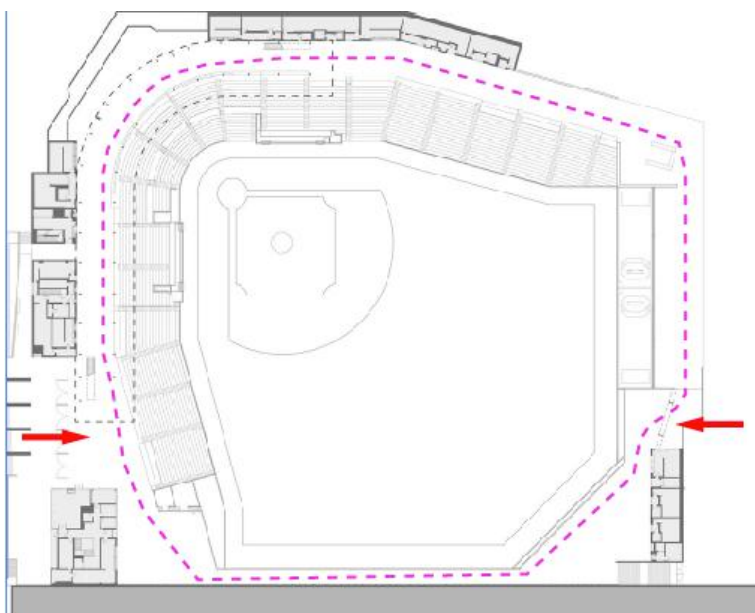


Figure 21 CHS Field – Planta do térreo

Fonte: base Snow Kreilich, modificado pela autora

Dentro do estádio, no nível térreo, a circulação é totalmente livre, como pode ser observado na imagem acima, fato que permite a realização de um percurso de

360° em torno do campo. Este percurso faz com que as pessoas se vejam e se encontrem, promovendo um senso de comunidade.

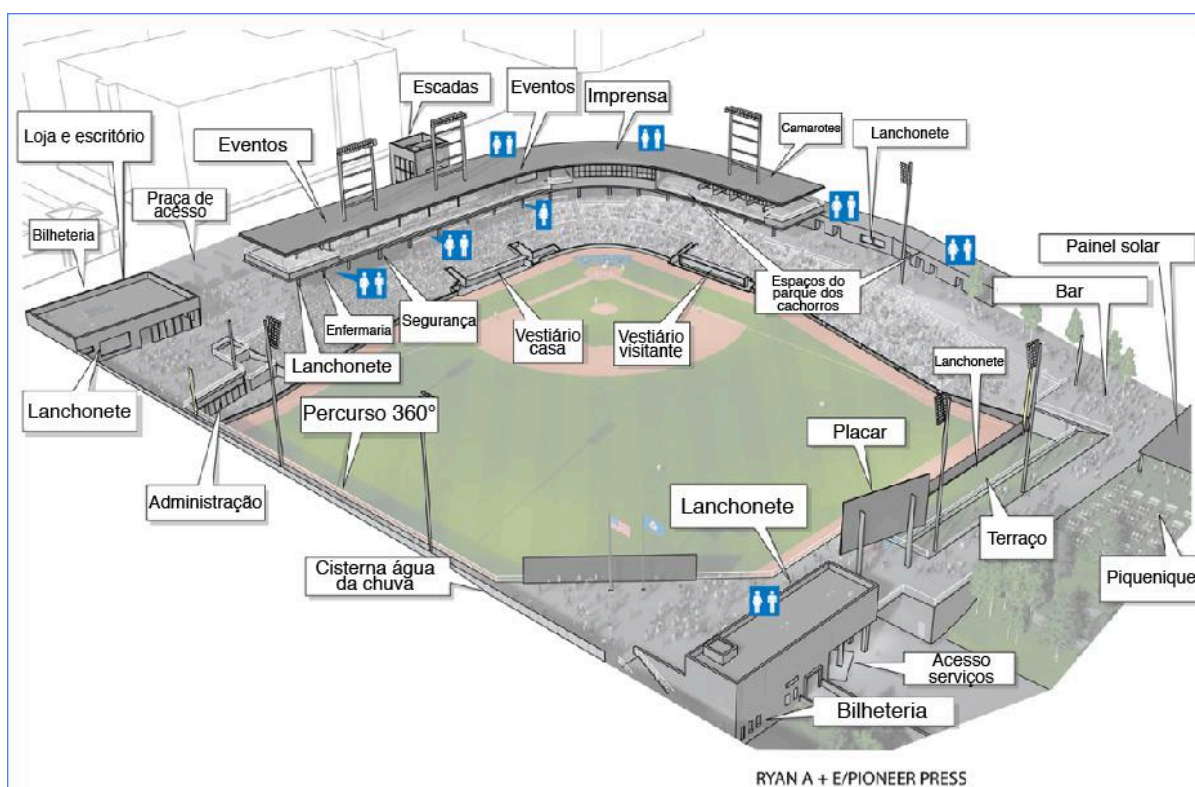


Figure 22 CHS Field – Setorização

Fonte: Twincities, modificado pela autora

Para que isto fosse possível, algumas facilidades foram alocadas em um pavilhão elevado acima da platéia. São, elas os camarotes, a sala de imprensa e alguns espaços de eventos que as pessoas podem alugar. Embaixo desta estrutura, estão lançonete, ambulatório, sala de segurança.

O estádio foi pensado para atrair uma diversidade de públicos, por meio da oferta de assentos de todos os valores, incentivando encontros sociais.



Figure 23 CHS Field – Vista do campo para o acesso

Fonte: Snow Kreilich

3.4.4 Aspectos Compositivos e Técnicos

Por conta de sua história com o comércio e transporte ferroviário de mercadorias, o bairro possui muitos armazéns seculares de tijolo e madeira, materiais que estão presentes no projeto.

A liberação do térreo, a criação de vazios no pavilhão elevado e a utilização do vidro para o fechamento foram utilizadas como uma estratégia para criar uma noção de leveza, fazendo um contraponto com as edificações pesadas do entorno. Por sua esbelteza, as estruturas metálicas fazem referência às escadas de incêndio destes edifícios.



Figure 24 CHS Field – treino no estádio CHS

Fonte: Snow Kreilich

4 O BAIRRO: CONTEXTO E INSERÇÃO NO MUNICÍPIO

Valinhos é uma cidade localizada no interior do estado de São Paulo, que possuía 106.793 habitantes na ocasião da realização do último censo do IBGE, em 2010 (a estimativa do mesmo órgão para 2017 é de 124.025 habitantes). Sua área total é de 148,538 Km², com densidade demográfica de 718,7 habitantes por km². Embora haja predominância de área rural sobre o perímetro urbano, de acordo com dados do IBGE de 2006 (apud SOUZA, 2009), a população de Valinhos era distribuída 95% em área urbana e 5% em área rural. O Índice de Desenvolvimento Humano da cidade é de 0,819, mais elevado que o de Campinas e de São Paulo (ambos 0,805), segundo dados de 2010.



Figure 25 Localização de Valinhos

Fonte: Google Maps, modificada pela autora

A cidade dista 90 km de São Paulo e 7 km de Campinas, formando uma conurbação com esta última. O Aeroporto Internacional de Viracopos, um dos mais importantes do país, fica apenas a 18km de distância de Valinhos, que é cercada por um sistema viário de alta qualidade, tendo como eixos principais as rodovias Bandeirantes (SP-348), Anhangüera (SP-330), Dom Pedro I (SP-065) e o anel viário José Roberto Magalhães Teixeira (SP-083), ligando as duas últimas rodovias.

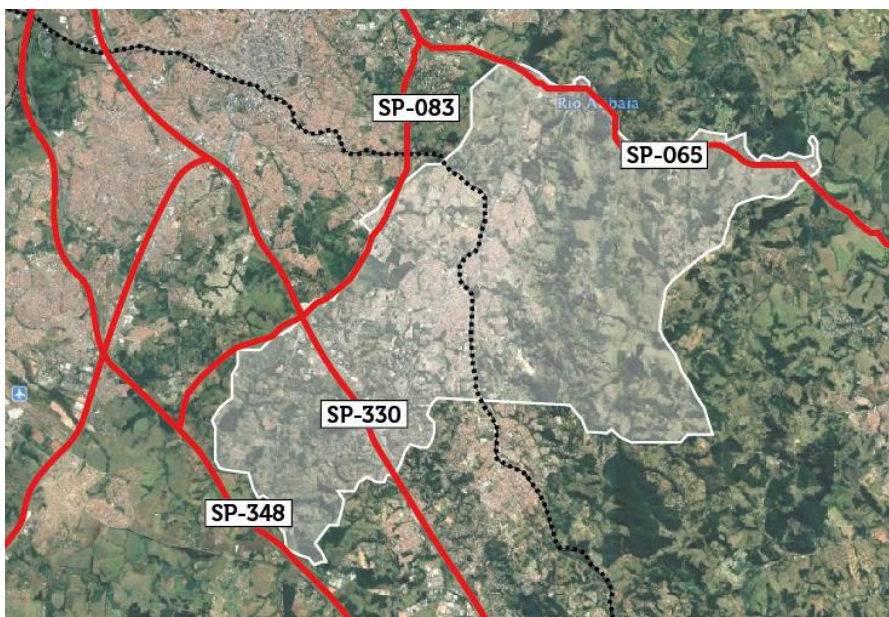


Figure 26 Principais Rodovias de Valinhos

Fonte: Google Maps, modificada pela autora

Valinhos tem grande importância ambiental para a região em que está localizada, possuindo uma extensa área de proteção e recuperação de mananciais. Fazem parte de sua hidrografia os rios Capivari, responsável por 55% do abastecimento da cidade (DAEV), e Atibaia, que abastece 90% da população da cidade de Atibaia, 95% da população da cidade de Campinas (BITENCOURT, 2008). Além destes, temos os ribeirões Bom Jardim, Dois Córregos e Pinheiros; e os córregos da Invernada, Santana de Cuiabanos, da Santa Escolástica e da fazenda São Pedro (SOUZA, 2009).

Um atrativo turístico do município são as suas antigas propriedades que foram transformadas em hotéis-fazenda, bastante procurados por conta de suas belezas naturais, como a Fonte Sônia e o Hotel Fonte Santa Tereza. Porém, atualmente, o maior evento cultural e agro-turístico da cidade é a Festa do Figo e Expogoiaba, reconhecida em vários estados brasileiros. O evento teve início com o objetivo de arrecadar fundos para a construção da igreja Matriz e ajudar os produtores na venda de suas frutas. A festa acontece até hoje e atrai muitas pessoas da região, todos os anos (SOUZA, 2009).

Valinhos faz parte do Roteiro das Frutas, assim como os municípios de Itatiba, Indaiatuba, Itupeva, Jarinu, Jundiaí, Louveira, Morungaba e Vinhedo. As

idades pertencentes a este pólo produzem acerolas, ameixas, caquis, figos, goiabas, morangos, pêssegos e uvas (SOUZA, 2009).

4.1 VALINHOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

De acordo com Lei Complementar Estadual 870 de 19 de Junho de 2000, Valinhos faz parte da Região Metropolitana de Campinas. Abrangendo um conjunto de dezenove municípios, a RMC abriga aproximadamente 2,5 milhões de habitantes, distribuídos nas seguintes cidades: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Barbara D'Oeste, Santo Antonio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo (GUTMANN, 2011).

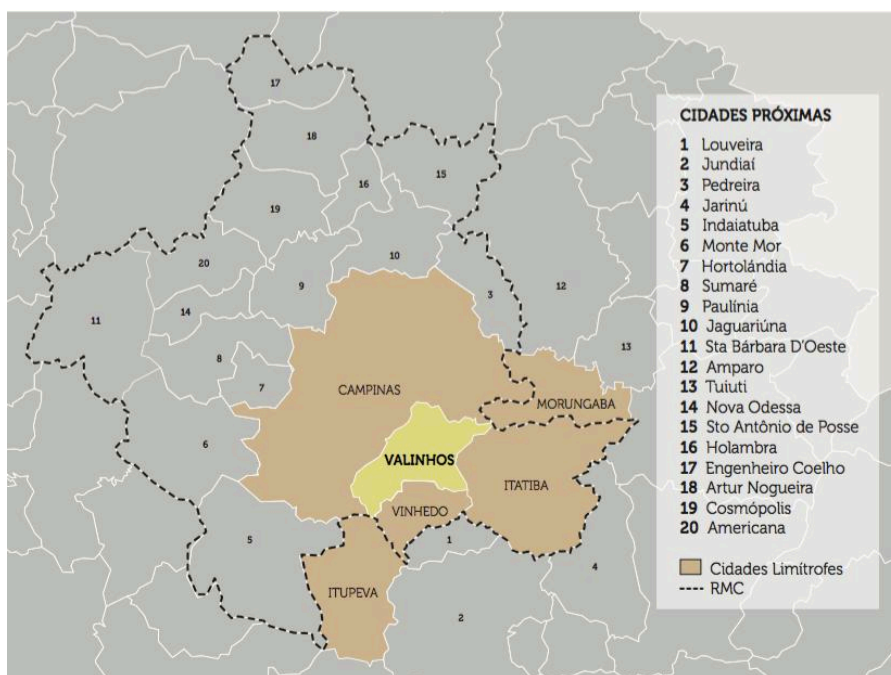


Figure 27 Valinhos e a Região Metropolitana de Campinas

Fonte: Da autora

As cidades que fazem divisa com Valinhos são Campinas (Norte, Noroeste, Oeste e Sudoeste), Morungaba (Nordeste), Itatiba (Leste), Itupeva (Sudoeste) e Vinhedo (Sul).

De acordo com Gutmann (2011), o deslocamento diário de pessoas entre municípios da região é intenso. Valinhos possui um extenso parque industrial, além de uma faculdade e um Colégio internacional, que atraem pessoas de cidades vizinhas. Além de motivos de trabalho e estudo, as pessoas também deslocam-se pela região por motivos de lazer e compras, como por exemplo para frequentar os *shopping-centers* no eixo da Rodovia Dom Pedro I, o Shopping Outlet Premium e parques temáticos, como o *Hopi Hari* e o *Wetn'Wild* na Rodovia dos Bandeirantes.

Valinhos apresenta condições relativamente privilegiadas em relação às outras cidades da RMC, segundo Bitencourt (2008). A boa oferta de equipamentos públicos e de infraestrutura urbana, a localização privilegiada (com fácil acesso à malha viária que conecta toda a região) e os reduzidos níveis de violência urbana (um dos mais baixos entre os municípios vizinhos) acabam por atrair pessoas que outrora residiam em cidades próximas ou até mesmo na capital, e que vieram não por motivos de trabalho, mas sim em busca de segurança e qualidade de vida para suas famílias (GUTMANN, 2011).

4.2 ORIGEM E EXPANSÃO URBANA DE VALINHOS

Valinhos foi por muito tempo um bairro de Campinas, até a ocorrência de seu desmembramento, em 1953. Assim como muitas cidades paulistas, sua história está ligada ao ciclo das bandeiras.

Em 1872, por conta de sua grande produção de açúcar e café, e por ser uma importante rota de transporte destes produtos até o porto de Santos, chegou até Campinas a estrada de ferro (GUTMANN, 2011). Até a instalação dos trilhos, tudo o que existia em Valinhos era um aglomerado de fazendas.

Entre as décadas de 1887 e 1897, Valinhos recebeu um número expressivo de novos habitantes por conta de diversos acontecimentos, tais como a vinda de muitos imigrantes italianos para trabalhar em suas fazendas de café, a grande quantidade de escravos livres por conta da abolição da escravatura e a febre amarela que atingiu a cidade de Campinas, expulsando seus moradores. Em 1896,

Valinhos recebe o título de Distrito de Paz da Comarca de Campinas (GUTMANN, 2011; SOUZA, 2009).

No início do século XX, as pessoas começaram a deixar as fazendas para instalarem-se na vila com casas de comércio, carpintarias, botequins, ferrarias, selarias, e olarias. Com a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, grande parte dos produtores de café do Brasil foram à falência, obrigando aqueles que optaram por permanecer no ramo da agricultura a praticarem a policultura, o que deu início ao cultivo do figo na cidade, que mais tarde se tornaria uma de suas maiores fontes de riqueza e a faria ficar conhecida como Capital Nacional do Figo Roxo (GUTMANN, 2011; SOUZA, 2009).



Figure 28 Capital do Figo Roxo

Fonte: da autora

O desenvolvimento industrial da cidade também data desta época, começando com a instalação das olarias ao longo do Ribeirão Pinheiros, para a extração de argila e por estar localizado próximo à linha férrea. Estas indústrias

produziam grande quantidade de tijolos e telhas, utilizados na construção de casas no século XX (GUTMANN, 2011).

Em meio a transformações políticas que vinham ocorrendo na cidade, iniciou-se um processo de emancipação, e, no dia 30 de dezembro de 1953, é promulgada a lei 2456, criando assim o município de Valinhos e tornando-o administrativamente independente de Campinas (BITENCOURT, 2008)

Gutmann (2011) diz que o avanço da urbanização de Valinhos até a década de 90 se deu em três fases. A primeira delas seria o período no qual o território foi dividido em fazendas, delimitados pelo relevo e cursos d'água. A segunda, quando as fazendas foram parceladas em chácaras de fim-de-semana, fazendo com que Valinhos passasse uma imagem de cidade com boa qualidade de vida. E a terceira fase, quando essas chácaras foram parceladas em condomínios, aumentando seu adensamento populacional.

4.3 O BAIRRO BOM RETIRO

Como já mencionado no início deste trabalho, não existem registros históricos que documentem a história da ocupação do bairro em questão, tampouco informações que permitam caracterizar por completo a sua população. Assim sendo, a análise foi feita a partir de informações relacionadas aos habitantes da cidade como um todo e também do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) ferramenta que permite analisar as condições de vida da população do bairro.

O IPVS se utiliza de dados levantados pelo IBGE (censo 2010), e expressa a situação de vulnerabilidade social à qual a população está exposta por meio de análise de padrões de desigualdade social, considerando o acesso a serviços públicos de saúde, educação e oferta de bens sociais, assim como indicadores de escolaridade, renda e ciclo de vida familiar.

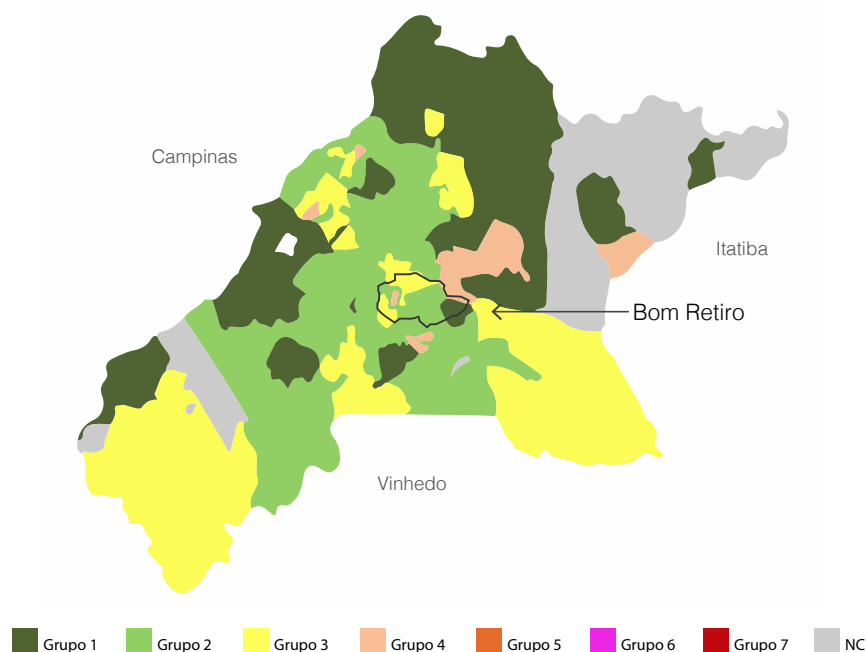


Figure 29 Índice IPVS

Fonte: SEADE, 2014

Como podemos observar na Figura 29, a população do bairro no qual está inserida a área de estudo se encaixa em três grupos distintos no Grupo 2 – vulnerabilidade muito baixa (maior parte do bairro), Grupo 3 – vulnerabilidade baixa e Grupo 4 – vulnerabilidade média. No Grupo 2, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$3.649 (em reais de 2010). No grupo 3, R\$2.690 e no Grupo 4, R\$2.018. Para efeitos de comparação, a renda domiciliar média dos valinhenses era de R\$3.959 (IBGE, 2010).

A população feminina residente na cidade era de 50,67%, enquanto a masculina era de 49,33%. De acordo com a projeção do IBGE para 2017, a população com mais de 60 anos é de 14,01% e com menos de 15 é 19,33%.

O Bom Retiro é um bairro que tem um caráter residencial, sendo este o seu uso principal, como pode ser observado na Figura 30. Apesar disto, a presença de comércio, serviços e atividades institucionais concentradas em especial na Rua Luís Bissoto mostra que existe na região uma tendência a ser um subcentro. Villaça (2001) define subcentro como sendo aglomerações equilibradas e diversificadas de comércio e de serviço, que, diferente do centro principal, tem o objetivo de atender apenas à população que reside no local e nas proximidades.



Figure 30 Mapa de usos do solo

Fonte: Google Maps, modificado pela autora

No entorno imediato, entre as atividades que mais concentram fluxo de pessoas estão duas escolas municipais: a EMEI Prefeito Vicente José Marchiori, de ensino infantil, e a EMEF Governador André Franco Montoro, de ensino fundamental. Ambas oferecem aulas nos períodos da manhã e tarde. Além das escolas, a Paróquia Beato José de Anchieta também atrai pessoas residentes na região, com suas missas que são celebradas de quinta-feira a domingo, além de eventos realizados periodicamente no salão anexo à igreja.

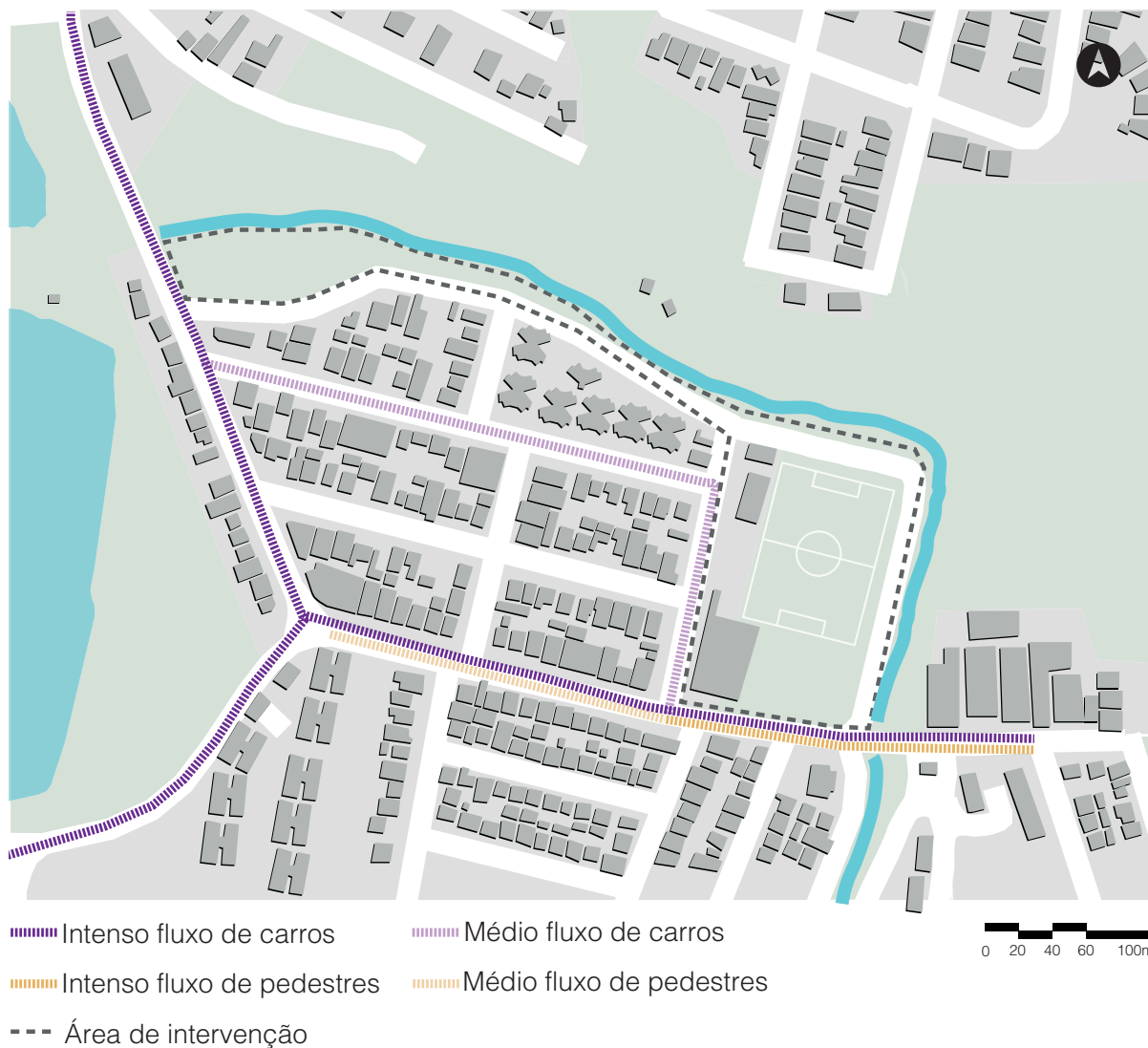


Figure 31 Mapa de fluxos

Fonte: Google Maps, modificado pela autora

O levantamento a seguir localiza os equipamentos, estabelecimentos relevantes e praças públicas instalados a um raio de 1 quilômetro da área estudada. Quanto aos equipamentos e estabelecimentos relevantes, destaca-se a quantidade de serviços automotivos e aqueles voltados para a alimentação (padarias e restaurantes).

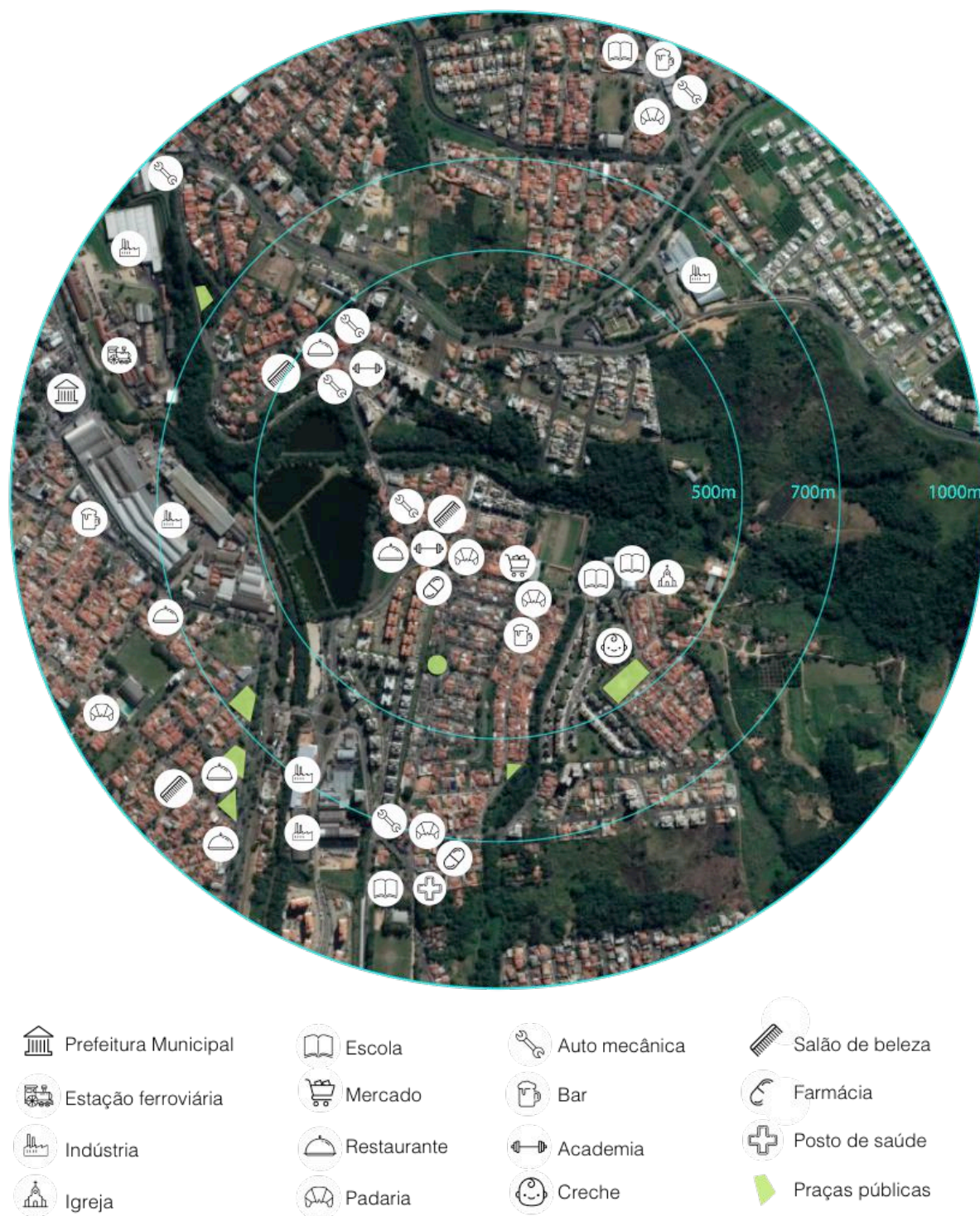


Figure 32 Equipamentos próximos ao bairro

Fonte: Google Maps, modificado pela autora

A área de estudo é muito próxima ao centro principal, a apenas 8 minutos de carro, 24 de transporte público ou 30 minutos à pé, de acordo com estimativas do

Google Maps. Apesar disto e das facilidades já ofertadas pelo bairro, moradores relataram sentir falta de algumas atividades, conforme o gráfico abaixo representado. Dentre as atividades mais desejadas pelos moradores, as que mais se destacam são sorveteria, praças e parques e casa lotérica, seguidas por Café/lancheonete, ciclovia e restaurante.

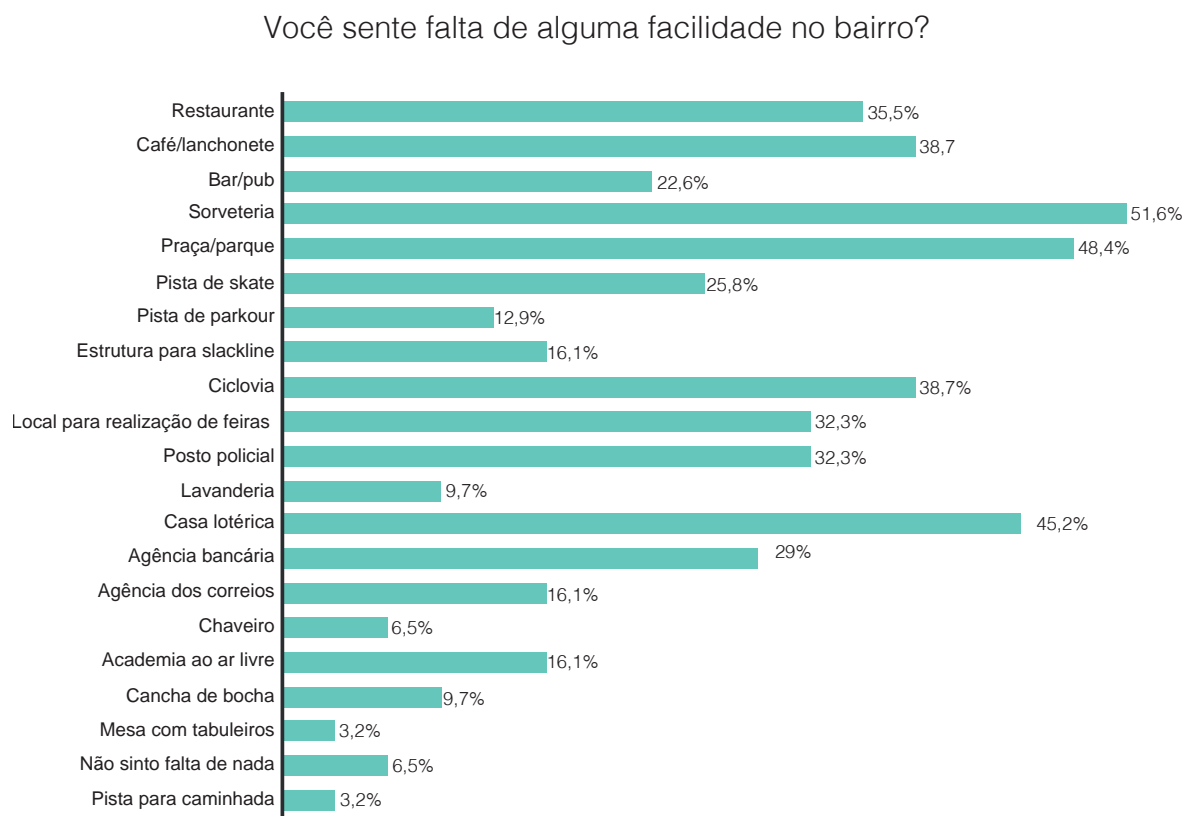


Figure 33 Facilidades no bairro

Fonte: da autora

Ao analisar a Figura 32, podemos perceber a escassez de praças públicas, fato que também é percebido pelos moradores, visto que este é um dos itens mais citados quando perguntados quais facilidades eles mais gostariam de ter próximo às suas residências.

Outro ponto que chama à atenção é o fato de 38,7% dos entrevistados sentirem falta de ciclovias no bairro. Apesar de Valinhos num geral apresentar uma topografia bastante irregular e não contar com uma malha cicloviária consolidada, na ocasião da realização de visitas à área de estudo notou-se que a região de estudo é uma rota utilizada ciclistas quando passam pelo bairro.

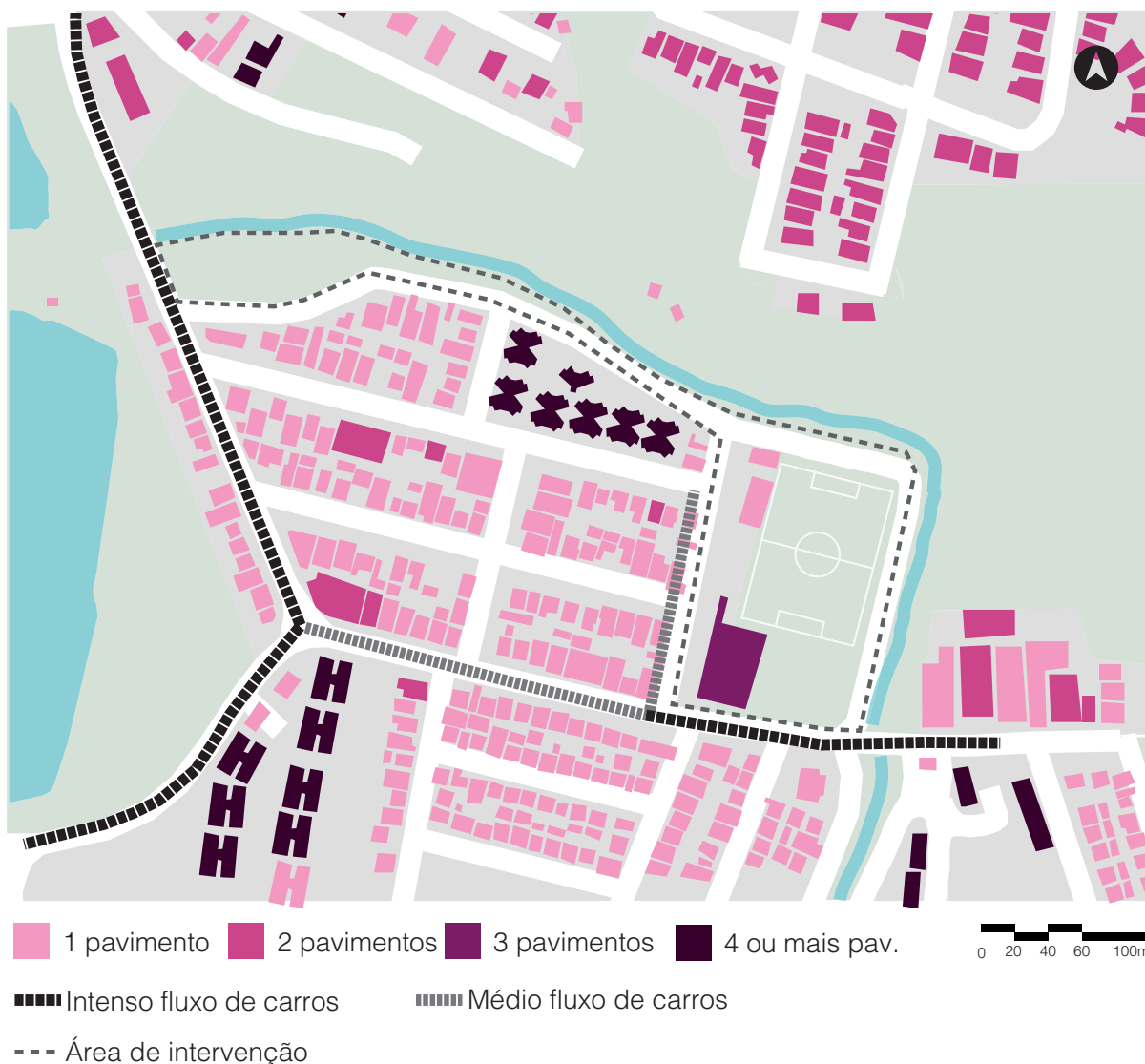


Figure 34 Gabaritos e ruído

Fonte: Google Maps modificado pela autora

No geral, podemos classificar o bairro como tranquilo em relação ao ruído, sendo este mais incômodo em horários de pico e de intervalo das escolas. Em relação à altura das edificações, nota-se que a maioria dos edifícios não ultrapassa 1 pavimento, com exceção dos edifícios residenciais.

Como podemos ver no mapa a seguir, o espaço em questão pode ser considerado acessível no que tange à mobilidade. Podemos tirar estas conclusões analisando-se a presença de pontos de ônibus e o itinerário de linhas que passam pela região. Esta característica é fundamental para a vitalidade do local.



Fonte: Google Maps modificado pela autora

O bairro possui condicionantes físicas muito expressivas, como podemos observar na figura acima. O rio que passa pelo Bom Retiro vem da cidade de Vinhedo- SP, e faz parte da bacia do Córrego Bom Jardim. Ao longo do rio, está presente uma densa arborização, que, acaba por formar um limite, tanto físico quanto visual.



Figure 35 Mapa de condicionantes físicas

Fonte: Google Maps modificado pela autora

A definição de limites urbanos e pontos nodais é feita por Lynch (1980), juntamente com outros tipos de elementos que são utilizados para compor a imagem da cidade, para que esta seja legível a todos:

- Limites – são aqueles locais que não podemos considerar como caminhos, são fronteiras, quebras na continuidade. São exemplos os rios, muros, viadutos. Podem servir para direcionar um fluxo (caminhar ao longo do rio), e podem também servir para segregar uma parte da cidade. Além da faixa de arborização intensa, o próprio clube pode ser considerado um limite.
- Nós/pontos nodais – trata-se de junções, pontos de convergência entre caminhos (cruzamentos), esquinas, praças, de lugares de passagem entre uma estrutura e outra. Um Ponto nodal pode também ser o foco do bairro no qual está inserido, por ser um local que agrega uma série de funções e atrai pessoas, podendo se chamar também de "centros ou núcleos". No

caso do entorno do clube, são considerados nós aqueles cruzamentos onde, em horários de pico, ficam mais congestionados.



Figure 36 Localização de luminárias e lixeiras

Fonte: Google Maps modificado pela autora

Nota-se que a região carece de lixeiras públicas, mas possui luminárias em todas as vias. Apesar disto, a percepção que os moradores tem do local é de iluminação insuficiente.

"Acredito que a iluminação nos arredores do Clube do Bom Retiro é suficiente"

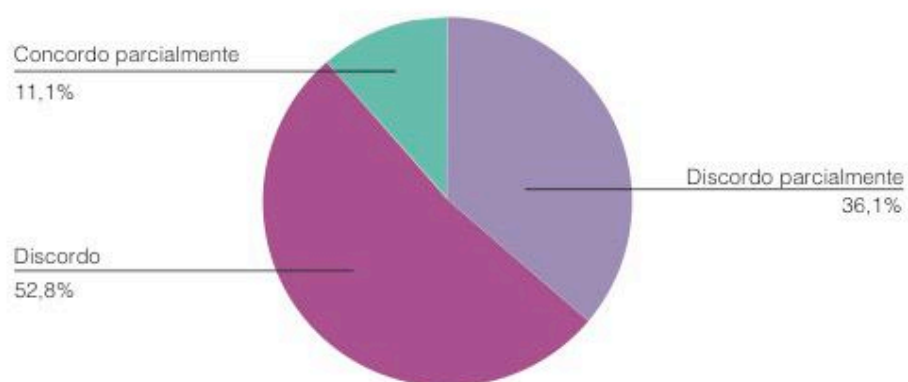


Figure 37 Percepção dos moradores a respeito de iluminação

Fonte: da autora



Figure 38 iluminação à noite

Fonte: da autora

4.4 O CLUBE

O terreno de estudo do presente trabalho pertence, atualmente, ao Valinhos Futebol Clube. De acordo com moradores antigos do bairro, a agremiação foi fundada em 7 de maio de 1972, com o nome de Esporte Clube União Bom Retiro, a partir da fusão de dois clubes existentes: o Ribeiro e o Concórdia. Na época, foi cunhado com o nome do bairro onde se situava.

Sua atual sede foi construída em 1976, e cunhada Estádio Eugênio Franceschini em homenagem ao antigo dono do terreno, de acordo com informações fornecidas por moradores do bairro. Não há registros a respeito da autoria do projeto original, ou de suas alterações e reformas.

O estádio está inserido em um terreno de 16.600 m², limitado pelas ruas Atilio Sales Arcuri (a norte e a leste), Luis Bissoto (sul) e Alberto Moscarde (oeste), no bairro Bom Retiro na cidade de Valinhos-SP.

4.4.1 Infraestrutura existente

Na parte mais alta do terreno, na esquina da Rua Luís Bissoto com Alberto Moscarde, está a quadra coberta, que, apesar de ter acesso por ambas as ruas, atualmente apenas o portão da Alberto Moscarde está sendo utilizado, para acesso de jogadores, espectadores e funcionários. Anexo a ela está um bar, que tem vista privilegiada para o campo de futebol. Pela sua localização, a quadra esconde umas das melhores visuais para o terreno, mas outra é possível de ver: a vista para o campo (foto h).

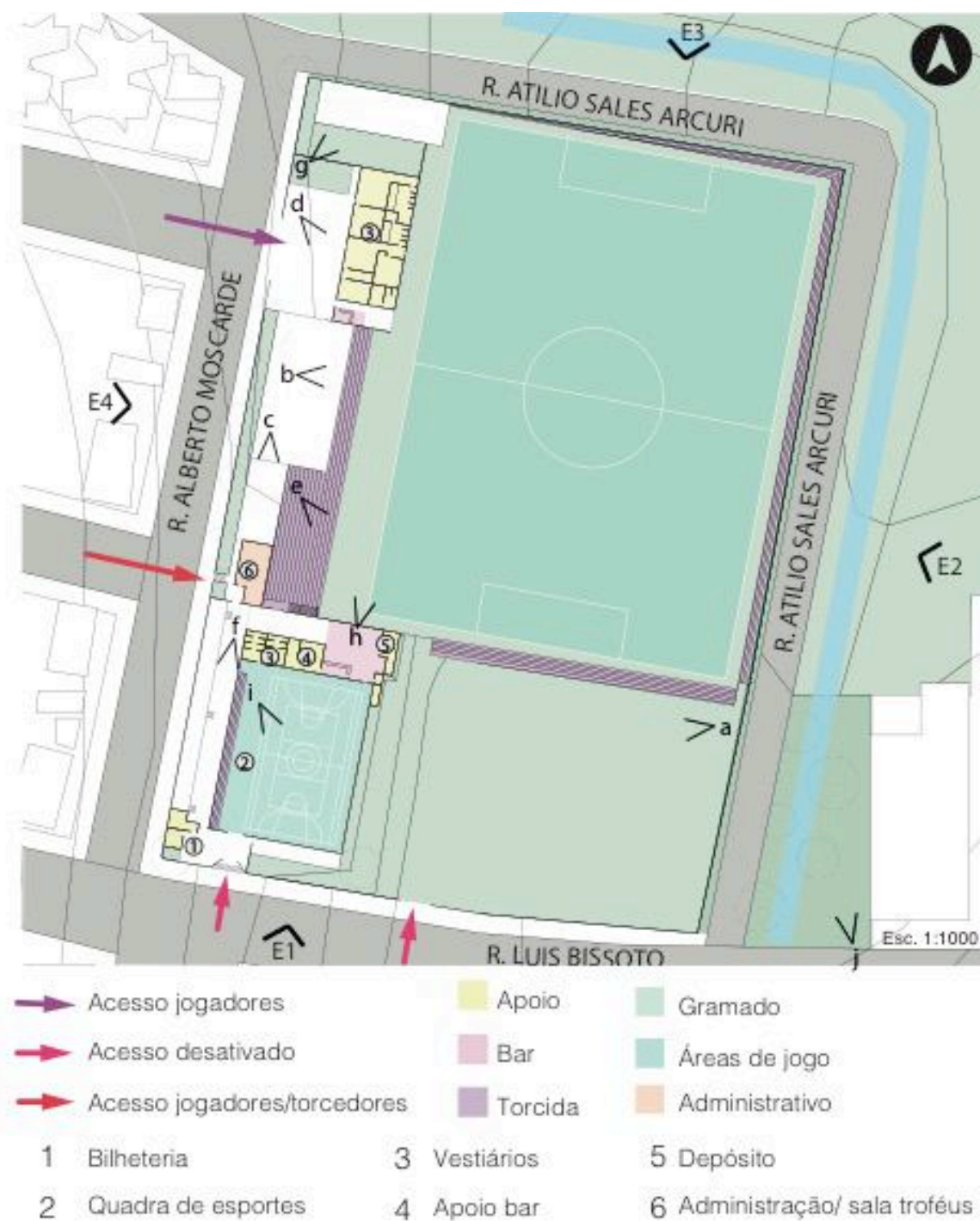


Figure 39 Planta da atual infraestrutura

Fonte: da autora



Figure 40 Foto h –Vista do clube a partir do bar

Fonte: da autora

Nas cotas mais baixas do terreno estão o campo propriamente dito e sua estrutura de apoio (bloco com vestiários). Ao redor do campo está a arquibancada de concreto.



Figure 41 Foto d – bloco de vestiários

Fonte: da autora

Além das estruturas mencionadas, o terreno possui uma parte remanescente, que aparenta ter sido um campo secundário, de dimensões menores, mas que atualmente é apenas um espaço sem uso que foi tomado pelo mato.

Na ocasião da última visita às instalações do clube, estava se iniciando a execução de uma reforma no bar e nos vestiários da quadra. Recentemente o clube recebeu iluminação no campo, que foi possível através de uma parceria da prefeitura de Valinhos com o Ministério do Esporte (ver apêndice B), tornando-se o primeiro estádio da cidade a possuir iluminação no campo, possibilitando a realização de jogos noturnos.

O terreno é ainda todo cercado por muros, com exceção da rua Alberto Moscarde, que em sua parte mais baixa é cercado por alambrado. É curioso notar também que, com exceção dos lados em que o terreno se encontra com o rio (que não tem construções), quase todas as edificações voltadas para este são fachadas cegas/muros.

ELEVAÇÃO 1



ELEVAÇÃO 2



ELEVAÇÃO 3



ELEVAÇÃO 4



Figure 42 Perfis das ruas
Fonte: da autora

Até a Rua Atílio Sales Arcuri, nos trechos lindeiros ao terreno do clube, permaneceu sem pavimentação, iluminação e sinalização, melhorias que só foram implantadas em virtude do novo uso que recebeu: a realização de aulas e exames de direção de automóveis e motocicletas, ministradas pelas autoescolas da cidade. De acordo com notícia publicada no portal da prefeitura (ver apêndice B), está agora sob responsabilidade das autoescolas a construção de sanitários no local, para uso dos alunos e instrutores, fato que explica a demolição parcial do muro na via onde estão sendo feitas as aulas.

Apesar das reformas e recentes investimentos, o clube aparenta ser um local abandonado (embora não o seja) e degradado, fato que pode ser observado pelas aparente falta de manutenção em seus muros (pichação) e estrutura em geral.

Sousa (2010) trata, em sua obra "Do cheio para o vazio", sobre os espaços urbanos que entram em processo de obsolescência, analisando-os sob o conceito de 'ciclo de vida', explicado pela mesma a partir do seguinte exemplo:

"Um edifício é construído, é-lhe atribuída uma função e é colocado num local para cumprir essa função. À medida que envelhece e o mundo à sua volta muda assim como os factores relacionados com a sua rentabilidade, o edifício vai se tornando cada vez mais obsoleto relativamente a novos edifícios. Eventualmente fica sem uso e é abandonado e/ou demolido e o local redeseenvolvido."

De acordo com a autora, a obsolescência se caracterizaria pelo fim da vida útil de um espaço, por conta de sua incapacidade de se adaptar às mudanças (de novas tecnologias que surgiram, de mudanças na economia do país ou do local, por exemplo), e pode ser classificada em:

- Obsolescência física/estrutural: trata-se não apenas de edifícios mas também de espaços sem construções, e ocorre quando, por falta de manutenção, o local acabe deteriorado;
- Obsolescência funcional: ocorre quando a configuração de um espaço ou edifício não é perfeitamente adequada ao uso para que está servindo, ou quando, por mudanças na sociedade, o uso para o qual foi projetado já não faz mais sentido. O maior grau de obsolescência funcional seria, portanto, o abandono do local;
- Obsolescência Locacional: ocorre quando o espaço deixa de ser acessível;

- Obsolescência Legal: quando muda-se a legislação, fazendo com que o espaço não esteja mais adequado ou não possa se adequar por qualquer motivo;
- Obsolescência de imagem: ligado à contribuição negativa que um espaço pode ter à paisagem do seu local de inserção (o autor pontua que esta avaliação é subjetiva).

A partir destes conceitos, podemos concluir que as instalações do Clube do Bom Retiro, hoje, são afetadas pela obsolescência física/estrutural, pela falta de manutenção de sua estrutura, a obsolescência locacional, por não ser um local acessível fisicamente.

Sousa (2010) diz ainda que as tipologias dos espaços obsoletos são: espaços desocupados, espaços desafetados, e espaços subutilizados, sendo esta última a que nos interessa para este estudo. A autora define os espaços urbanos subutilizados como sendo aqueles que estão ocupados e sendo utilizados, porém, estes espaços tem potencial para um uso/ocupação mais eficiente.

A partir da constatação da obsolescência, Bondaruk (2007) diz que o abandono (ou, neste caso, aparente abandono) de um espaço público pelas autoridades acarreta no abandono do local pelos moradores próximos, e vice-versa. Outros fatores podem resultar no abandono do local, tais como a presença de mato, lixo não recolhido, dejetos de animais e pichações, fatores que são quase como uma sentença de morte aos espaços públicos. As pessoas acabam por se afastar de locais onde isto ocorre, diminuindo a quantidade de vigilantes naturais.

Os moradores concordam com as afirmações feitas acima, fato que pode ser constatado ao olhar o gráfico abaixo:

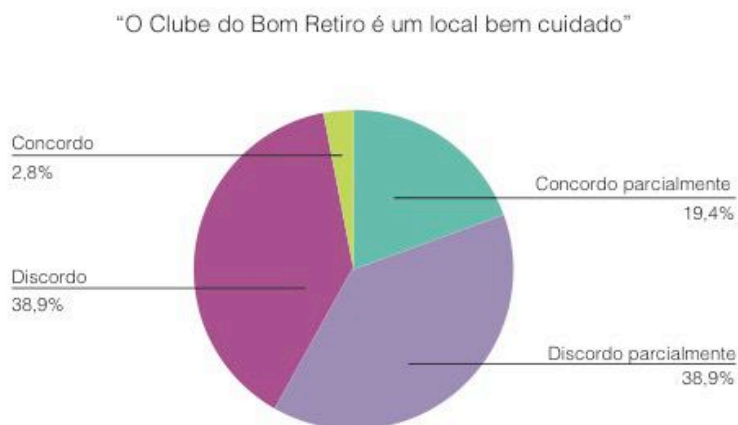


Figure 43 Percepções sobre a conservação do clube

Fonte: da autora

Este fato pode nos levar a compreender os resultados da próxima pergunta, a respeito da beleza do clube e sua influência na paisagem urbana do bairro. Cabe ressaltar que o conceito de beleza é subjetivo, podendo ser diferente, dependendo de quem o avalia.

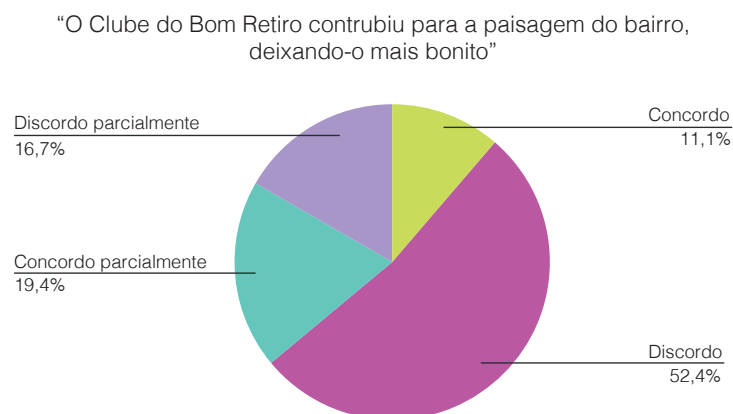


Figure 44 O Clube do Bom Retiro na paisagem do bairro

Fonte: da autora

Ao analisar o quesito segurança, percebe-se que, durante o dia, boa parte dos entrevistados se sente seguro ou parcialmente seguro ao andar pelas ruas no entorno do Clube do Bom Retiro. Pode-se atribuir esta sensação de segurança à circulação de carros e pessoas pelas calçadas do entorno e também às atividades comerciais e escolares, que funcionam em período diurno.

"Eu me sinto seguro ao andar durante o dia pelas ruas no entorno do Clube do Bom Retiro"



Figure 45 Segurança durante o dia

Fonte: da autora

Durante a noite, ocorre o inverso: a maior parte dos entrevistados se sente inseguro ao caminhar pelas ruas no entorno do clube. Apesar da insegurança sentida pelas pessoas, pode-se dizer que a cidade é relativamente segura, pois, de acordo com dados contidos no Atlas da Violência 2017 (estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública), Valinhos está em 15o lugar no ranking de cidades mais pacíficas do país. A região de estudo também não apresenta altos índices reais de criminalidade, de acordo com moradores.

"Eu me sinto seguro ao andar à noite pelas ruas no entorno do Clube do Bom Retiro"

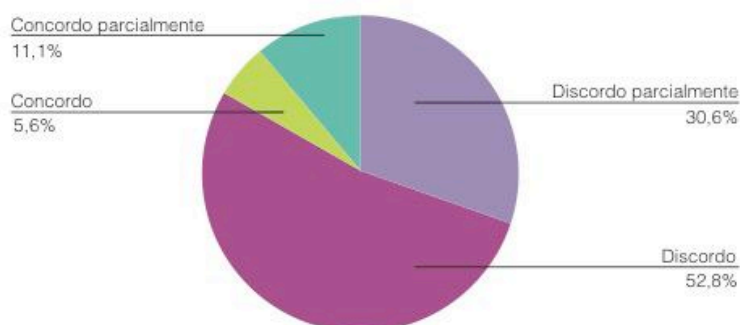


Figure 46 Segurança durante a noite

Fonte: da autora

Analisaremos então os tipos de medo que Bondaruk (2007) descreve como medo real e medo potencial. O primeiro é embasado pela real possibilidade de que

a pessoa seja vitimizada em determinado local (como por exemplo, ao passar por uma área no qual ocorram assaltos com frequência). O segundo é causado por uma sensação de insegurança que não condiz com as reais condições de segurança do local que a causa, por exemplo, quando ouvimos que determinada cidade é perigosa, e sentimos medo até mesmo nas áreas mais seguras desta (BONDARUK, 2007).

Assim sendo, acredita-se que a sensação de insegurança seja causada pelo medo potencial, que, além do motivo supracitado, ainda pode ter sido agravado pelo fato da região não permitir muita permeabilidade visual e não possuir tantos olhos no período noturno.

Você se interessa por algum desses esportes?

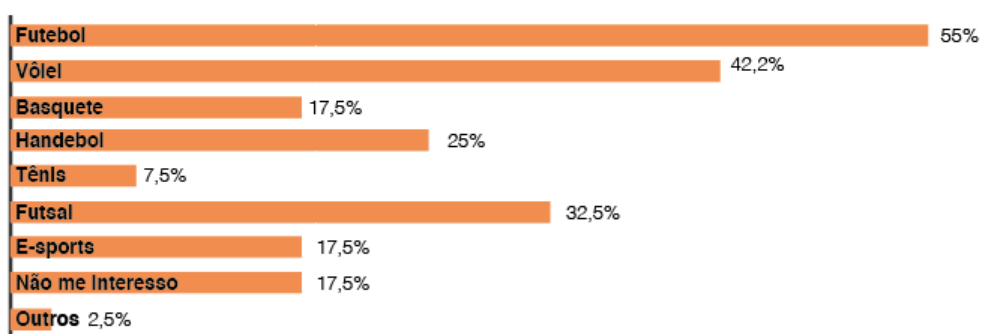


Figure 47 Preferência esportiva – adultos

Fonte: da autora

Quando questionados sobre quais esportes despertavam seu interesse, a população citou, em sua grande maioria, o futebol, seguido do vôlei e futsal. Apesar disto, quando questionadas se costumam assistir aos jogos que acontecem no Clube, a grande maioria respondeu negativamente. Podemos então concluir que o clube não tem muito engajamento da população do bairro, fato que contribui para o seu abandono.

“Você costuma assistir aos jogos que acontecem no Clube do Bom Retiro”

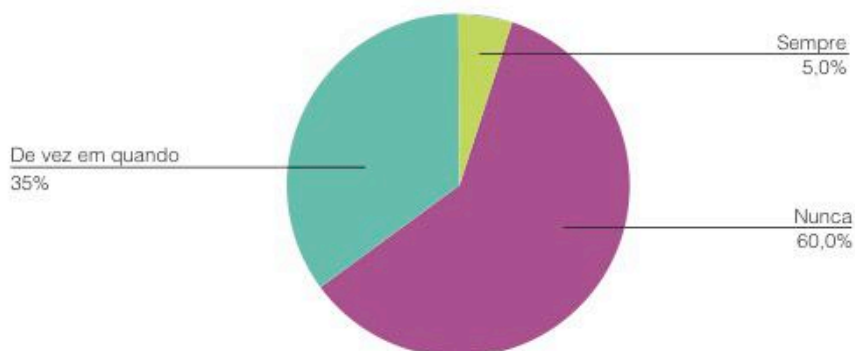


Figure 48 Pessoas que frequentam os jogos

Fonte: da autora

As pessoas também foram questionadas a respeito do córrego que corta o bairro, para saber quais as percepções a seu respeito. Metade das pessoas o vê de uma maneira positiva (50%) ou indiferente, mas quase todos os entrevistados (95%) disse que frequentaria uma área de lazer ao longo de seu percurso.

“Para você, a presença do rio no bairro...”

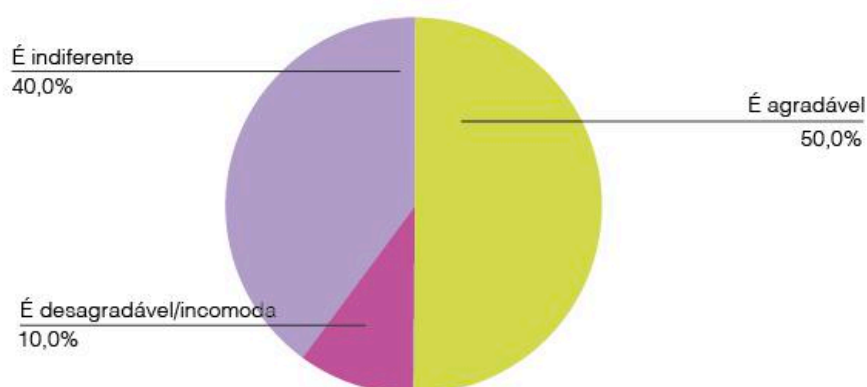


Figure 49 A presença do rio

Fonte: da autora

“Se fosse proposta uma área de lazer ao longo do rio, você...”

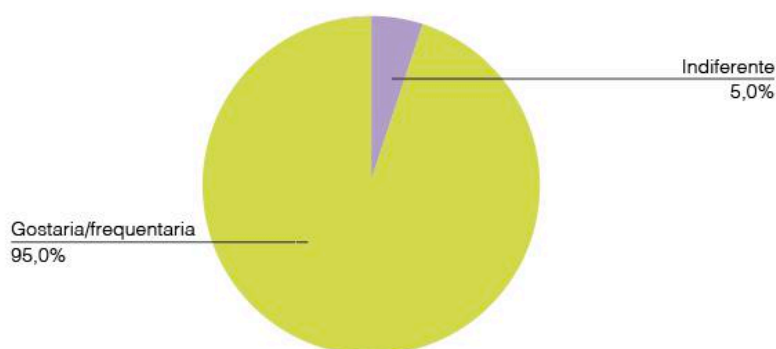


Figure 50 Área de lazer ao longo do rio

Fonte: da autora

4.5 CRIANÇAS

Para compreender as necessidades e desejos da população infantil do local, algumas perguntas foram direcionadas especificamente para este público. A maior parte das respostas (75%) veio de crianças de entre 11 e 14 anos, sendo o restante de crianças com menos de 10.

Inicialmente, buscou-se saber de quanto tempo livre dispõem estas crianças, visto que haveria a possibilidade de terem a maior parte de seus dias ocupados por atividades acadêmicas, não sobrando muito tempo para o lazer coletivo.

O que você faz quando não está na escola?

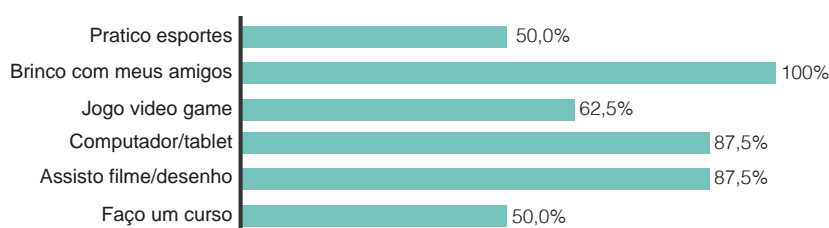


Figure 51 Atividades das crianças

Fonte: da autora

Assim sendo, perguntou-se o que a criança faz quando não está na escola. Todos os entrevistados responderam que brincam com os amigos, e, logo em seguida, veio uma resposta já esperada: se utilizam de meios eletrônicos de lazer,

como computadores, tablets, televisão e video game. Metade dos entrevistados também praticam esportes.

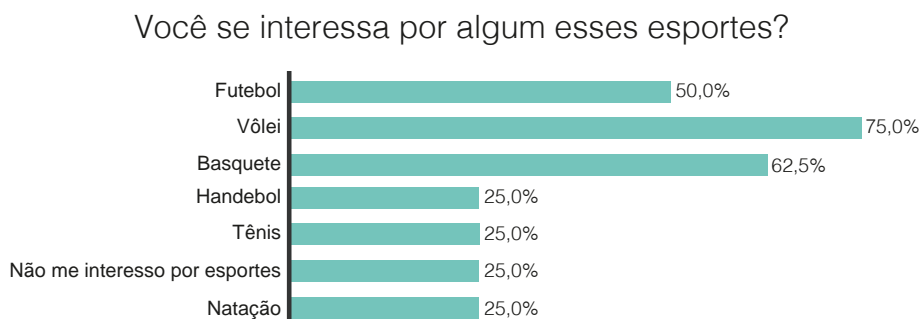


Figure 52 Esportes e crianças

Fonte: da autora

Quando questionados por quais esportes eles se interessam, a resposta foi diferente dos adultos: as crianças se interessam mais por vôlei e basquete, tendo o futebol ficado em terceiro lugar.

Se tivesse um parque perto da sua casa, o que não poderia faltar?

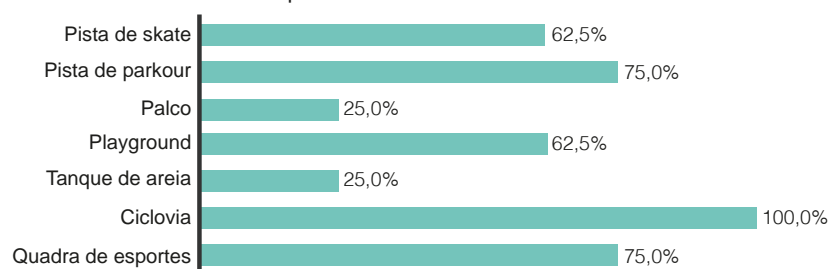


Figure 53 Esportes preferidos

Fonte: da autora

A maior parte das crianças (75%) respondeu, quando questionados, que se interessa por brincadeiras ao ar livre. Assim sendo, questionou-se quais seriam as atividades mais importantes de se ter em um parque próximo às suas casas. As crianças concordam com os adultos quando se trata de ciclovias, visto que este item foi escolhido por todas elas. Em seguida, foi citada quadra de esportes e

infraestrutura para a prática de parkour (75% dos entrevistados), a depois pista de skate e playground (62,5%).

4.6 A ÁREA DE INTERVENÇÃO

A seguir, será apresentado o terreno, suas condições topográficas e a legislação incidente. O terreno para o qual será desenvolvido este projeto possui 35.000m² ao todo de área.

4.7 CONDIÇÕES LEGAIS

Antes de propor qualquer projeto, há de se garantir que ele atenda a todas as legislações vigentes que lhes dizem respeito. No caso deste estudo, por conta da presença de um corpo d'água e de uma faixa extensa de vegetação, analisaremos o Código Florestal, lei 12.651 de 25 de maio de 2012, que dispõe sobre a proteção da vegetação nativa e o Plano de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo de Valinhos, lei 4186 de 10 de outubro de 2012.

O Código Florestal Brasileiro define o que são Áreas de Preservação Permanente, da seguinte maneira:

"II - Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas;" (BRASIL, 2012).

Mais adiante, explica quais áreas são consideradas APPs, e, por conta do rio que corta o terreno escolhido ter menos de 10 metros de largura, é considerada APP a faixa que vai desde a borda de sua calha até uma medida mínima de 30 metros.

As áreas de preservação, assim como o nome indica, tem o objetivo de preservação dos recursos naturais, e, portanto, a utilização destas áreas é restrita, sendo permitidas intervenções no caso de projetos de utilidade pública, baixo impacto ou interesse social. O projeto em questão é considerado de interesse social, pois, de acordo com a mesma lei, é considerado projeto de interesse social "a implantação de infraestrutura pública destinada a esportes, lazer e atividades

educacionais e culturais ao ar livre em áreas urbanas e rurais consolidadas, observadas as condições estabelecidas nesta Lei;".

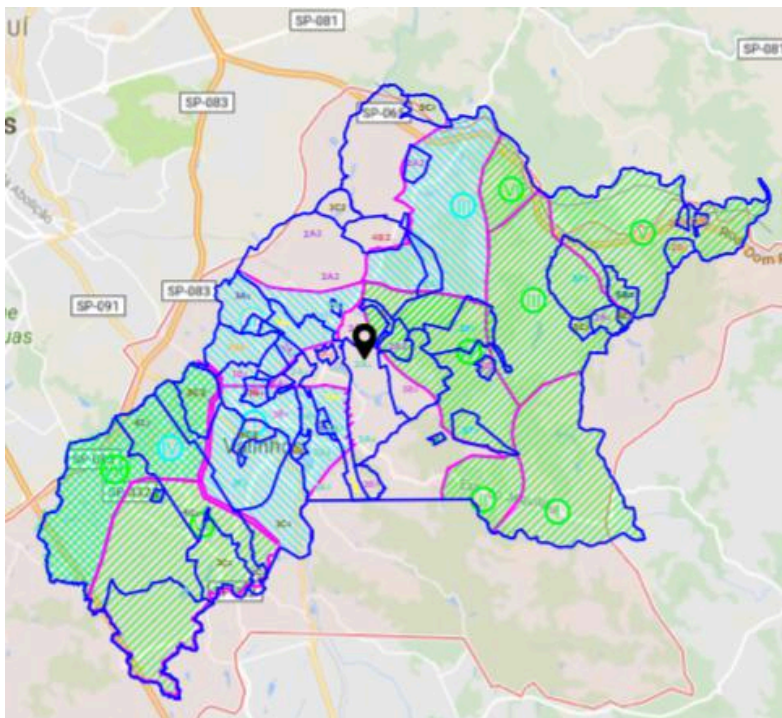


Figure 54 Zoneamento de Valinhos

Fonte: Prefeitura Municipal de Valinhos, modificado pela autora

De acordo com o zoneamento da cidade (anexo I), o uso que está sendo proposto para o terreno em questão está incluído na categoria IIA – comércio local, e também IIC – institucional local, que inclui os clubes associativos, recreativos e esportivos, quadras, salões de esportes e piscinas. O terreno pertence à a zona 2Ax – Zona Mista II, que, como pode ser verificado no Anexo A, permite o Uso Multicomercial e de serviço horizontal, nas categorias de uso IIABCD1. Para o uso que está sendo proposto, a taxa máxima de ocupação é 0,7, o coeficiente de aproveitamento é 2, o gabarito máximo é 2 e a taxa de permeabilidade mínima é de 0,15.

A área em questão, apesar dos recursos naturais presentes, não faz parte de nenhuma APA municipal.

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Neste capítulo será feita uma síntese dos conhecimentos adquiridos ao longo deste trabalho, a fim de definir quais serão as diretrizes norteadoras do projeto.

5.1 SÍNTESE

Por meio da revisão bibliográfica, foi aprendido que os locais públicos devem apresentar fluxo de pessoas, para que sejam seguros e sirvam ao seu propósito. Por este motivo, devem apresentar uma diversidade de atividades, a fim de promover seu uso por grupos diferentes de pessoas e em diferentes horários. Assim, faz-se interessante a presença de atividades comerciais no local.

O Estudo de Caso da The Goods Line traz o conceito de local de passagem que apresenta usos ao longo de seu trajeto, possibilitando locais de descanso e recreação. Outra característica notável é a presença de uma via compartilhada para pedestres e ciclistas.

O Parque Recreativo Venecia possui uma série de espaços multiuso, que podem ser apropriados por uma variedade de grupos diferentes. Pode ser útil para a realização de atividades das escolas próximas. O fato de ter sido projetado em conjunto com a população colaborou para gerar um sentimento de pertencimento ao local.

O CHS Field tem um conceito de integração, abrindo o estádio para a cidade, resultando em um local convidativo para se frequentar ou andar por perto. Este conceito também foi aplicado na chamada "circulação 360", que através da elevação de um pavilhão, liberou o térreo e permitiu ao usuário dar a volta completa ao redor do campo, fazendo com que encontre e veja os outros usuários do local.

Através da interpretação da realidade, foram captadas as percepções e desejos dos moradores, identificando-se a necessidade da criação de espaços de lazer no bairro, que incluía ciclovias e equipamentos de recreação infantil. Também identificou-se que os moradores se interessam por esportes, sendo esta uma justificativa para manter o Clube do Bom Retiro no local onde está.

A análise de Condicionantes, Deficiências e Potencialidades explicitou que o local poderia ser beneficiado com a criação de espaços que organizassem os food trucks da região, que hoje se utilizam das calçadas para exercer suas atividades. Outro ponto observado foi a presença de vistas que devem ser exploradas.

5.2 DIRETRIZES

Antes de apresentar as diretrizes projetuais deste trabalho, importa justificar algumas decisões que foram fundamentais para a definição do partido e das diretrizes deste projeto.

Ao analisar o estado das edificações do clube e a sua localização dentro do terreno, percebeu-se que seria necessário realizar uma intervenção que potencializasse o uso do local, como por exemplo posicionar os edifícios de maneira a favorecer as melhores vistas. Assim, optou-se por removê-las por completo. Na Carta de Atenas, encontramos uma frase que embasa este pensamento.

"A morte, que não poupa nenhum ser vivo, atinge também as obras dos homens. É necessário saber reconhecer e discriminar nos testemunhos do passado aquelas que ainda estão bem vivas. Nem tudo que é passado tem, por definição, direito à perenidade; convém escolher com sabedoria o que deve ser respeitado." (LE CORBUSIER et al, 1933).

Desta maneira, optou-se por manter o uso esportivo, de para a respeitar a história do local. Assim, foram definidos os conceitos importantes deste projeto e quais seriam as diretrizes

- Ser um local de interação dos moradores, onde possam se conhecer, conviver e estreitar laços, reforçando a centralidade e trazendo um senso de comunidade à população do bairro;

- Ser um espaço articulador da vida urbana, trazendo de volta o lazer coletivo e incentivando a prática de esportes;
- Promover o contato e o respeito à natureza, por meio da integração do projeto com o rio;
- Promover uma identidade ao bairro, através da utilização de materiais e símbolos que remetam à história da cidade de Valinhos, como por exemplo, a utilização de tijolos, por conta das olarias que funcionaram e ainda funcionam em locais próximos ao bairro em questão;
- Proporcionar diferentes percursos e pontos de acesso, convidando as pessoas a utilizá-lo também como passagem;
- Permeabilidade física e visual – proporcionar diferentes percursos, diferentes acessos, minimizar a quantidade de locais fechados e posicionar as atividades esportivas (campo e quadra) ao nível do observador, diminuindo o seu impacto visual.

5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O projeto foi organizado em setores, de maneira a elaborar um programa de necessidades adequado para cada um.

Clube	Comércio	Parque
Vestiário equipes	Restaurante	Espaço multiuso
Vestiários árbitros	Café	Bicicletário
Depósito de material esportivo	Vestiário funcionários	Área para descanso
Pronto-socorro jogadores	Área técnica	Tabuleiros
Instalações sanitárias espectadores		Tenis de mesa
Escritórios administração		Parkour
Copa administração		Skatepark
Recepção		Playground
Arquibancada		Academia ao ar livre
		Via compartilhada

Figure 55 Programa

Fonte: da autora

O setor do Clube será destinado às suas atividades pertinentes, tais como a prática de futebol e administração, e contará com infraestrutura para a realização do esporte e seus apoios, assim como escritórios e arquibancada. O programa foi

pensado para ser o mais simples possível, visto que, por se tratar de um clube de bairro, este não precisa ter toda a infraestrutura de um estádio que recebe campeonatos nacionais ou internacionais. Além disso, buscou-se reduzir ao máximo as áreas fechadas do programa, a fim de se privilegiar os espaços abertos.

O setor de comércio é voltado para a alimentação, e foi pensado a partir da análise dos questionários respondidos pelos moradores. A idéia é que os estabelecimentos sirvam os espectadores em dias de jogo e também atraiam clientes em dias em que não há jogos, mantendo a área sempre com fluxo de pessoas.

Para o parque, serão trazidas atividades de lazer e exercícios para todas as idades, tais como playground, infraestrutura de *parkour*, skate, academia ao ar livre, tabuleiros e ciclovia, além de áreas de contemplação e descanso.

5.4 MASTERPLAN

O programa foi então setorizado da seguinte maneira:

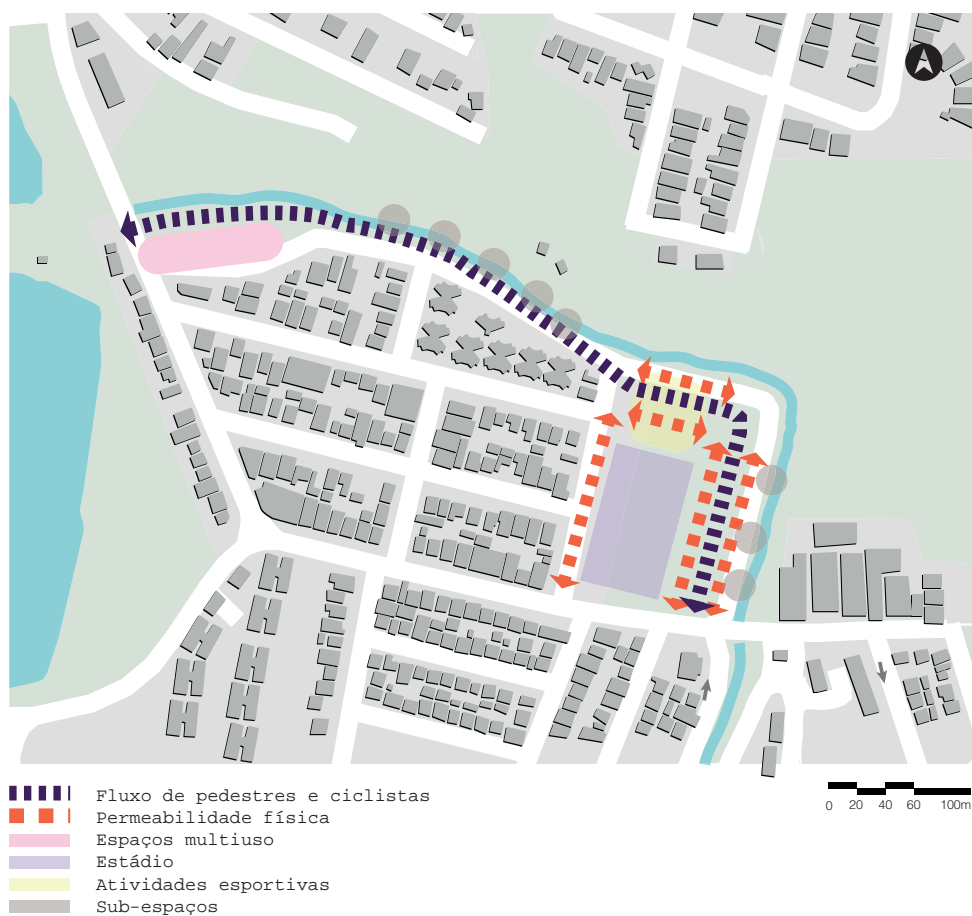


Figure 56 Masterplan

Fonte: da autora

No terreno atual do Clube do Bom Retiro foi alocado o setor referente às suas atividades propriamente ditas (vestiários, administração, campo, arquibancada), o setor comercial, um setor esportivo externo e áreas de descanso e contemplação (representadas na Figura acima como sub-espços), assim como uma via compartilhada e demais áreas de passagem.

Todo o *Masterplan* foi organizado de maneira a proporcionar múltiplos acessos ao terreno, a permeabilidade física e visual e também facilitar a utilização do mesmo como uma área de passagem.

Anexo ao terreno do clube, notou-se a presença de uma área verde que segue o curso do rio, e então esta área foi considerada como uma futura expansão do projeto que está sendo proposto. Para esta área, a ideia é que se extenda a via

compartilhada, e que se implantem sub-espços com equipamentos de descanso e lazer. Ao final deste corredor verde, pretende-se implantar um espaço multiuso, que poderá servir como local de feiras e atividades diversas.

6 PROPOSTA

Com base na pesquisa acima desenvolvida a respeito de espaços públicos de lazer, foi proposto um novo projeto para o Clube do Bom Retiro, que visa ser um espaço de lazer e encontro dos moradores do bairro, reforçando sua centralidade e trazendo vida e um senso de comunidade.

Partindo da maior problemática da situação atual do clube, que no caso é a falta de permeabilidade visual e física por conta de muros e cercas, foi definido um conceito de projeto completamente aberto e permeável, que convida o transeunte a entrar no perímetro, seja para fazer uso do equipamento ou apenas utilizar o local como passagem.

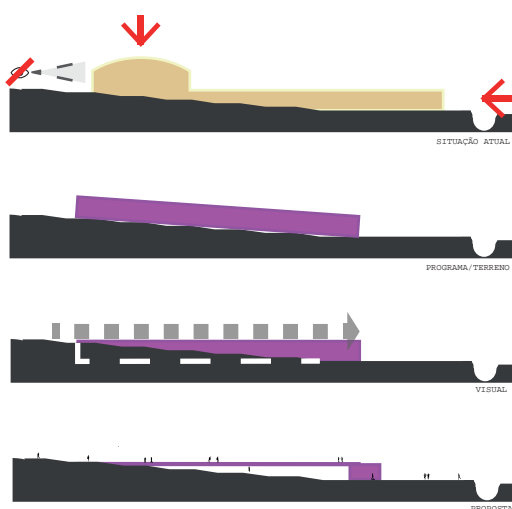


Figure 57 - Diagrama de partido

Fonte: da autora

Definido o conceito do projeto, buscou-se formas de conciliar a topografia acentuada do terreno com o programa, de modo a evitar a criação de barreiras visuais e até mesmo físicas. Assim, a edificação foi inserida em uma das cotas mais baixas do terreno, utilizando sua declividade natural para a implantação (Figura X) das arquibancadas que servem ao campo. Assim, evitou-se que as arquibancadas formassem uma barreira visual, como é comum em projetos de estádios. Esta configuração permite que quem vem pela Rua Alberto Moscarde tenha uma visão

desimpedida de todo o terreno, e ainda é convidado a assistir aos jogos.

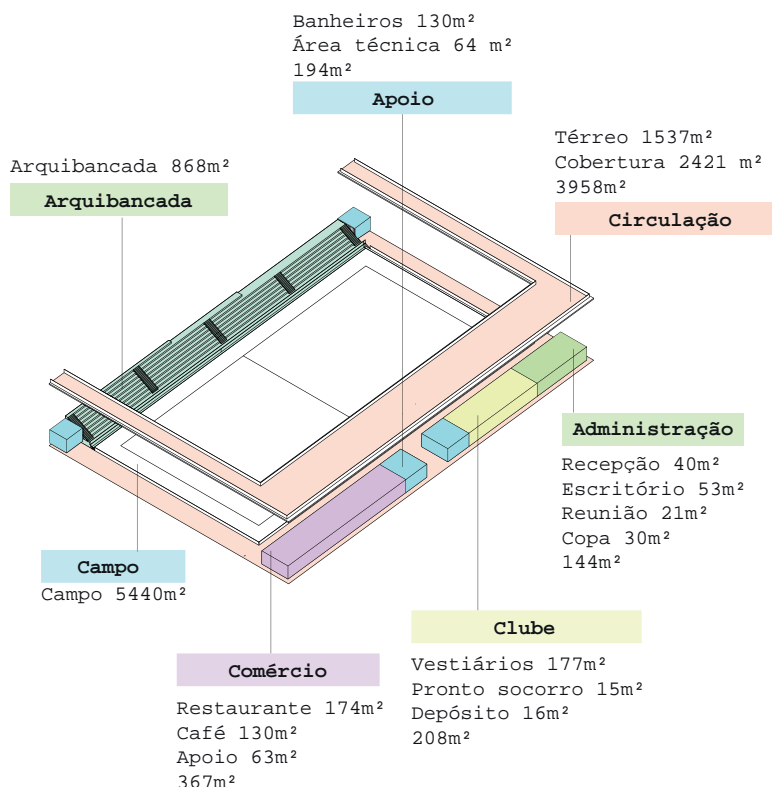


Figure 58 - Programa

Fonte: da autora

O setor comercial foi implantado próximo à rua Luiz Bissoto, por ser uma via principal de fluxo tanto de carros (facilitando a carga e descarga de mercadorias) e também de pedestres (chamando a atenção dos transeuntes e convidando-os a entrar no terreno). O setor relacionado ao clube foi implantado na parte mais central do terreno, visto que não havia necessidade de ser localizado próximo a nenhuma via principal. Entre os dois blocos estão alocados núcleos de banheiros, que poderão ser utilizados tanto por espectadores em dias de jogos quanto por quem utiliza a infraestrutura do parque.

Optou-se por deixar livre para a circulação de pessoas o terraço formado pela cobertura dos blocos, configurando assim mais um espaço para multiuso, que pode ser utilizado como área de contemplação, dança, atividades físicas (como yoga, por exemplo) e também como mais um local para assistir aos jogos de futebol.

Praticamente todo o perímetro do terreno foi projetado para ser um local de

Para a edificação, o sistema construtivo escolhido foi o que utiliza pilares de concreto e laje de concreto protendido, sem vigas. Para o fechamento, optou-se pelo uso de alvenaria de tijolos, em virtude da proximidade do terreno com antigas olarias da cidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a respeito de espaços públicos de lazer foi possível conhecer sua importância e as características que fazem com que estes se configurem bons espaços, o que possibilitou a compreensão dos motivos pelos quais a área estudada encontra-se hoje da maneira em que está, em estado de degradação e subutilizada.

A análise de obras correlatas foi importante para conhecer estratégias de como projetar para incentivar a interação dos usuários e evitar a criação de barreiras visuais. Ao visitar o local e conversar com a população moradora, pôde-se compreender quais são suas particularidades e desejos, que serviram para embasar a definição do programa da proposta desenvolvida na segunda etapa deste trabalho.

A partir da síntese dos conhecimentos obtidos, foi possível caracterizar o local de intervenção como sendo uma área com enorme potencial de ser um grande articulador da vida pública, capaz de trazer centralidade ao bairro e também uma nova identidade. A partir desta ideia, fundamentou-se as diretrizes projetuais que resultaram um espaço que busca servir à população, oferece uma diversidade de usos e por isto pode atrair diferentes públicos em diferentes horários, mantendo a região sempre viva.

Assim sendo, corrobora-se a hipótese de que a implantação de um equipamento público de lazer pode trazer vitalidade ao local onde for inserido, e reforçar o senso de comunidade na população de um bairro.

Admite-se que a arquitetura sozinha não é capaz de resolver todos os problemas das sociedades contemporâneas, portanto, como resultado deste trabalho, espera-se apenas fomentar a discussão sobre a necessidade dos espaços

públicos abertos e projetos que tratem de revitalizar áreas degradadas das cidades, com base nos benefícios que eles podem trazer.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, M. Z. A. **Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana**: Memórias, rugosidades e metamorfoses. 2006. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas

ANDRADE, Luciana; JAYME, Juliana; ALMEIDA, Rachel. **Espaços Públicos: novas sociabilidades, novos controles**. In Cadernos Metrôpoles 21. Pg. 131-153. 2009.

BARTALINI, V. **Praça: a forma mais que difícil**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 086.00, Vitruvius, julho 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.086/227>>. Acesso em 12/10/2017.

BITENCOURT, A. C. D. **CIDADES - ESPAÇOS URBANOS (?)**: A esfera de vida pública diante novas territorialidades urbanas. Estudo de caso no Município de Valinhos - SP. 2008. 80 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas–São Paulo.

BONDARUK, R. L.; **A Prevenção do Crime através do Desenho Urbano**. Curitiba, 2007.

Brasil, 2012. Lei n. 12.651 de 25 de maio de 2017. **Código Florestal**; Brasília, DF. 2012.

▪ BORJA, J. **Espaço público, condição da cidade democrática**. A criação de um lugar de intercâmbio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 072.03, Vitruvius, maio 2006. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353>>. Acesso em 26/09/2017.

GUTMANN, C. S. **O valor patrimonial dos espaços públicos**: estudo de caso do centro de Valinhos-SP. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas–São Paulo

IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População.. IBGE, 2010. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/valinhos/panorama>. Acesso em 3/10/2017.

IPEA, FBSP. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro, jun de 2017.

JACOBS, J. et al. Antrópolis. In: CHOAY, Françoise et al (Org.). **O urbanismo – Utopias e realidades: uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979. Cap. 8. p. 285-292.

LE CORBUSIER, **Carta de Atenas**, 1933.

MASCARÓ, J. L (org.). **Infra-estrutura da paisagem**. Porto Alegre/RS: Masquatro Editora, 2008. 194p.

MUMFORD, Lewis et al. Antrópolis. In: CHOAY, Françoise et al (Org.). **O urbanismo – Utopias e realidades: uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979. Cap. 8. p. 285-292.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 273-307.

ROBBA, F.; MACEDO, S.S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2002 [Coleção Quapá].

SANDALACK, B. A.; URIBE, F. G. A. **Open Space Typology as a Framework for Design of the Public Realm**. In: BARELKOWSKI, R. The Faces of Urbanized Space. Ed. Exemplum, 2010, Architectural Volumes, 47-86p.

SOUSA, C. A. **Do cheio para o vazio: metodologia e estratégia na avaliação de espaços urbanos obsoletos**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

SOUZA, R. H. B.; **A Fazenda Capuava em Valinhos: estudo de caso de evolução urbana**. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – São Paulo.

TANSCHKEIT, Paula. "**Placemaking x gentrificação**: a diferença entre revitalizar e elitizar um espaço público" 22 Jul 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 4 Out 2017. <<https://www.archdaily.com.br/br/791764/placemaking-x-gentrificacao-a-diferenca-entre-revitalizar-e-elitizar-um-espaco-publico>>

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel.

VIERO, V. C.; BARBOSA FILHO, L. C. **Praças públicas**: origem, conceitos e funções. In: JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO. Anais. ULBRA. Santa Maria, p.1-3, 2009.

APÊNDICE A - Quadro do Zoneamento de Valinhos

PLANO DIRETOR III LEI Nº 3841/04		ANEXO I		TABELA I (04/22)		ZONA "2A." – ZONA MISTA II														
DISPOSIÇÕES E PARÂMETROS PARA: USOS DO SOLO, PARCELAMENTO E EDIFICAÇÕES												CONSTRUÇÃO								
USO DO SOLO												● UNIFAMILIAR ● UNICONSERVANSTIND ● BILITCOMSERVINSTIND								
OCUPAÇÃO	SURTEGATOGORIA DE USO	DENSIDADE MÁXIMA	ÁREA MÍNIMA	TESTADA MÍNIMA	LARGURA MÍNIMA DE VIA			ÁREA INSTITUCIONAL (A.I.)		USO	CONDIÇÃO	TAXA MÁXIMA DE OCUPAÇÃO (T.O.)	ÍNDICE MÁXIMO DE APROVEITAMENTO (I.A.)	GABARITO MÁXIMO	FRENTE PRINCIPAL	FRENTE SECUNDÁRIA	AFASTAMENTO (m)		Nº MÍNIMO DE VAGAS PARA VEÍCULOS	TAXA MÍNIMA DE PERMEABILIDADE
					LOTEAMENTO VIA NORMAL	VIA PRINCIPAL	VIA SECUNDÁRIA	LOTE	GLEBA								DIVISA LATERAL	DIVISA FUNDO		
RUH	I	* ₁	300,00	10,00 * ₂	15,00 * ₃	15,00 * ₃	15,00 * ₃	12,00 * ₃	0 20m² por unidade resultante do parcelamento * ₄	R	LOTE	0,7	2,0	2	4,00	2,00	0 * ₅	0 * ₅	1 por residência	0,15
UCH MCH UH MH	II ABCD,	* ₁	300,00	10,00 * ₂	15,00 * ₃	15,00 * ₃	15,00 * ₃	12,00 * ₃	0 20m² por unidade resultante do parcelamento * ₄	C	LOTE	0,7	2,0	2	4,00	3,00	0 * ₆	0 * ₆	1 para cada 100,00 m² de construção * ₈ * ₁₇	0,15

Figure 60 Quadro do Zoneamento de Valinhos

Fonte: Prefeitura Municipal de Valinhos

APÊNDICE B - Notícias

FN10
Folha Notícias

Home Sobre Cidades » Esportes Cultura Anúncios Social

HOME GERAL VALINHOS: ILUMINAÇÃO DO CAMPO DO BOM RETIRO SERÁ INAUGURADA COM FINAL DO FUTEBOL AMADOR

VALINHOS: Iluminação do Campo do Bom Retiro será inaugurada com Final do Futebol Amador

Publicado em 28/10/2016

O jogo final (segunda partida) da 3ª Divisão do Campeonato Valinhense de Futebol Amador, entre Lyon FC e Olé Brasil Society, marcará a inauguração da iluminação do gramado do Estádio Eugênio Franceschini (Campo do Bom Retiro). Será o primeiro campo de futebol público de **VALINHOS** a ter iluminação no gramado, proporcionando a oportunidade da realização de atividades esportivas durante a noite.

"A nossa intenção é que a partida atraia os torcedores e amantes do esporte ao estádio. A iluminação era uma"

Reunião entre representantes dos times finalistas com o secretário de Esportes e Lazer, Paulo Sabioni 'Periquito'

Figure 61 Notícia sobre iluminação do campo de futebol

Fonte: Jornal FN10



Nossa Cidade Administração ▼ Atos Oficiais Imprensa ▼ Legislação Transparência ▼

Via atrás do Clube do Bom Retiro é asfaltada para receber aulas e exames de auto escola

A Prefeitura de Valinhos, por meio da Secretaria de Obras e Serviços Públicos, realiza a pavimentação asfáltica na via de terra batida (Avenida João Aristides Trombetta) localizada atrás do Clube do Bom, totalizando 260 metros lineares de extensão.

Segundo o secretário de Transportes e Trânsito, José Almeida Sobrinho, a proposta é transferir para o local as aulas e provas de direção de automóveis e motos ministradas pelas autoescolas da cidade.

Atualmente, essas aulas são realizadas no estacionamento do cemitério 'São João Batista'. "O aumento no número de alunos em habilitação tem tumultuado a região. Além disso, com a futura inauguração do novo velório, serão necessárias mais vagas para estacionamento de veículos", explicou o secretário de Transportes e Trânsito.

Figure 62 Notícia sobre aulas de autoescola

Fonte: Portal Prefeitura Municipal de Valinhos

APÊNDICE C - Pranchas do Projeto

CONTEXTO URBANO

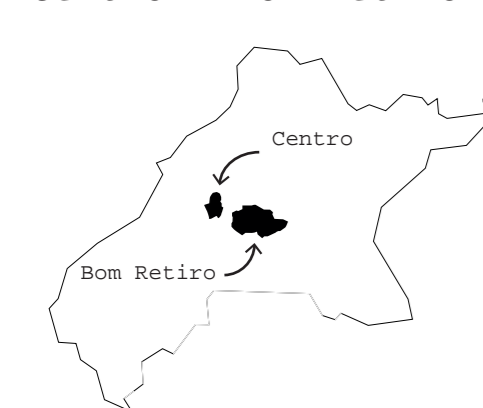
Brasil - SP



Valinhos - São Paulo

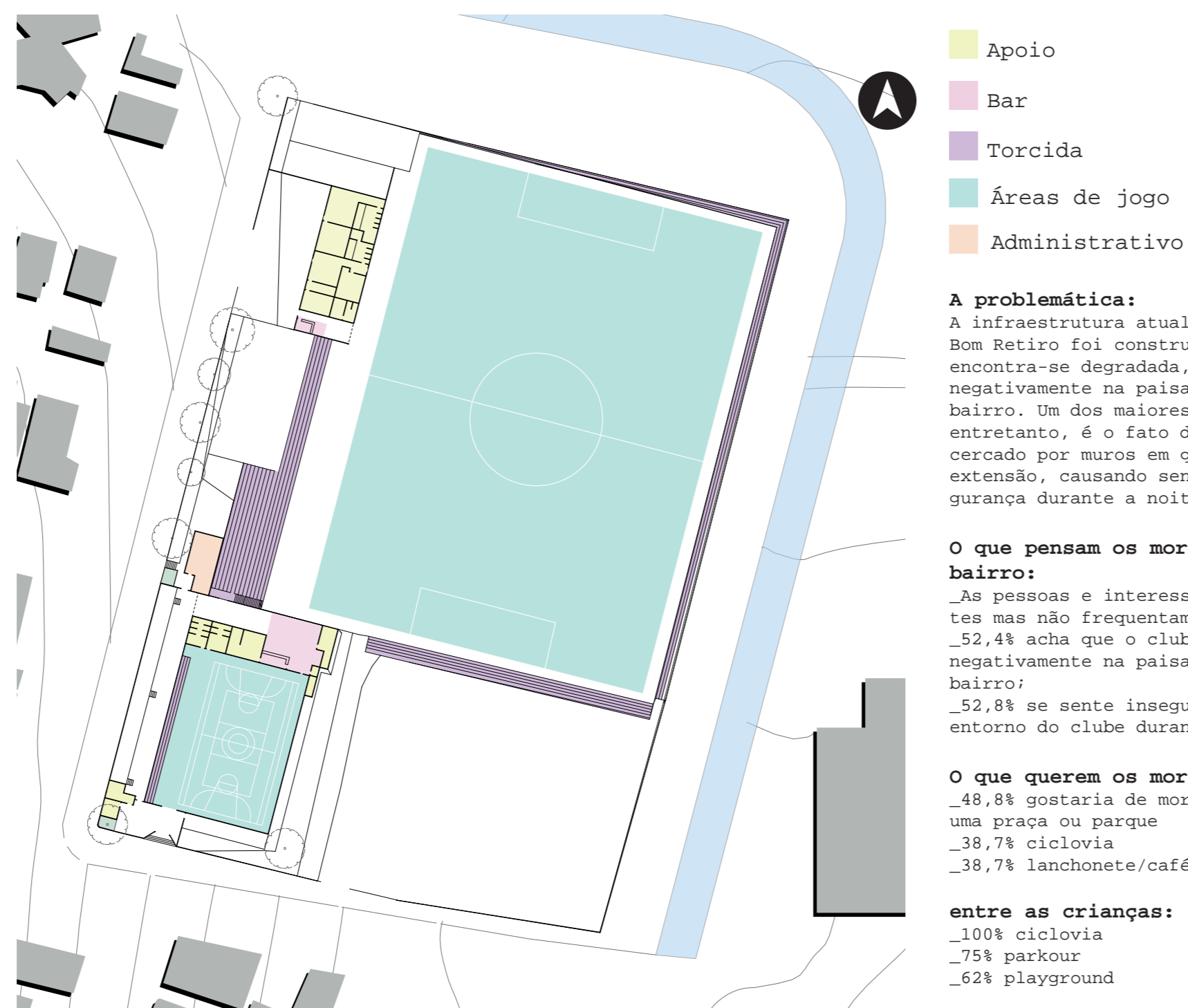
Distância: 96,6 km
1h15 horas de carro
Habitantes: 124.025/2017;
Temperatura média anual:
21 graus

Centro - Bom Retiro



Distância: 2,3 km
7 minutos de carro
23 minutos a pé

O CLUBE DO BOM RETIRO



- Apoio
- Bar
- Torcida
- Áreas de jogo
- Administrativo

A problemática:
A infraestrutura atual do Clube do Bom Retiro foi construída em 1976 e encontra-se degradada, impactando negativamente na paisagem urbana do bairro. Um dos maiores problemas, entretanto, é o fato do terreno ser cercado por muros em quase toda sua extensão, causando sensação de insegurança durante a noite.

O que pensam os moradores do bairro:
_As pessoas e interessam por esportes mas não frequentam o clube;
_52,4% acha que o clube influencia negativamente na paisagem urbana do bairro;
_52,8% se sente inseguro ao andar no entorno do clube durante a noite;

O que querem os moradores:
_48,8% gostaria de morar próximo a uma praça ou parque
_38,7% ciclovia
_38,7% lanchonete/café

entre as crianças:
_100% ciclovia
_75% parkour
_62% playground



Infraestrutura existente do Clube do Bom Retiro
Sem escala

REFERÊNCIAS



THE GOODS LINE
Autor: ASPECT Studios e CHROFI.
Trata-se de um projeto de revitalização urbana em Sydney, Austrália, que transformou uma antiga linha férrea em parque linear.
É uma referência por ser um local de passagem, descanso e recreação ao mesmo tempo. A estratégia foi implantada através do desenho de um percurso não-linear com a formação de sub-espacos.



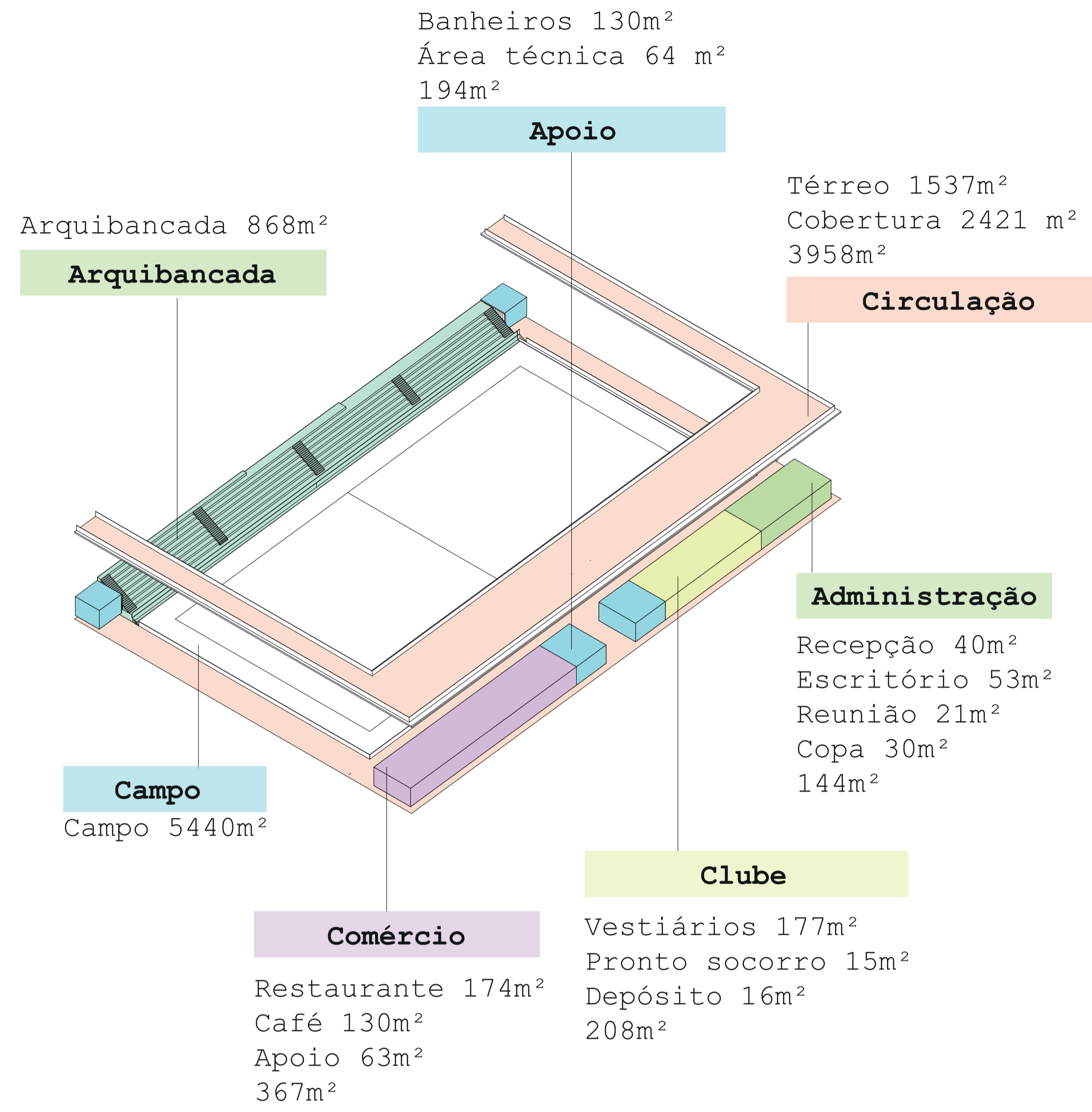
CHS FIELD
Autor: Snow Kreilich Architects.
É um estádio de baseball em St. Paul, Estados Unidos, construído a partir de uma antiga fábrica. É referência pois ao invés de se fechar, se abre para a cidade. A permeabilidade visual é alcançada através da utilização de vidro e da implantação do campo e arquibancada em nível abaixo da rua assim quem passa pela calçada consegue ver o campo.

MASTERPLAN

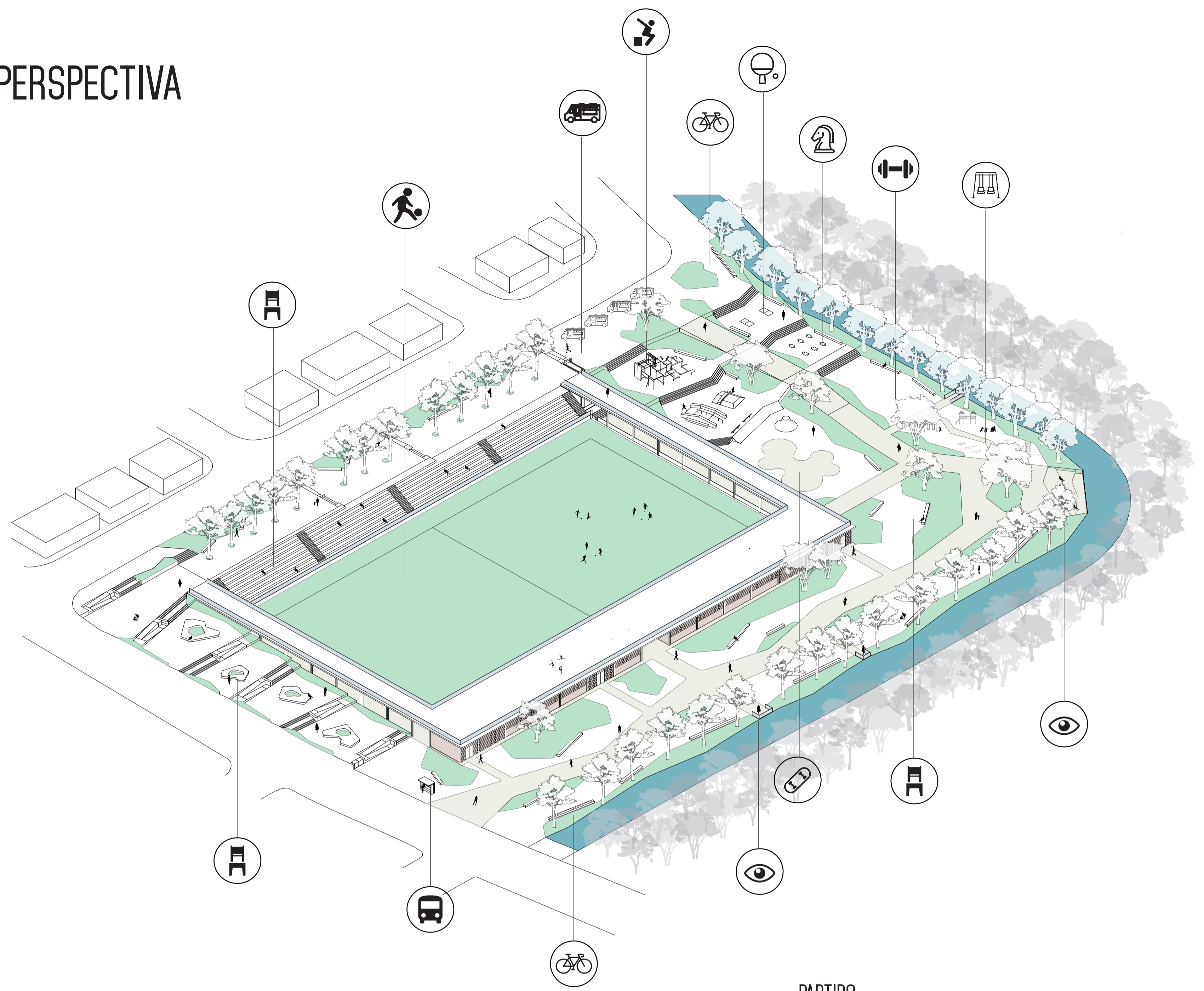


- Fluxo de pedestres e ciclistas
- Permeabilidade física
- Espaços multiuso
- Estádio
- Atividades esportivas
- Sub-espacos

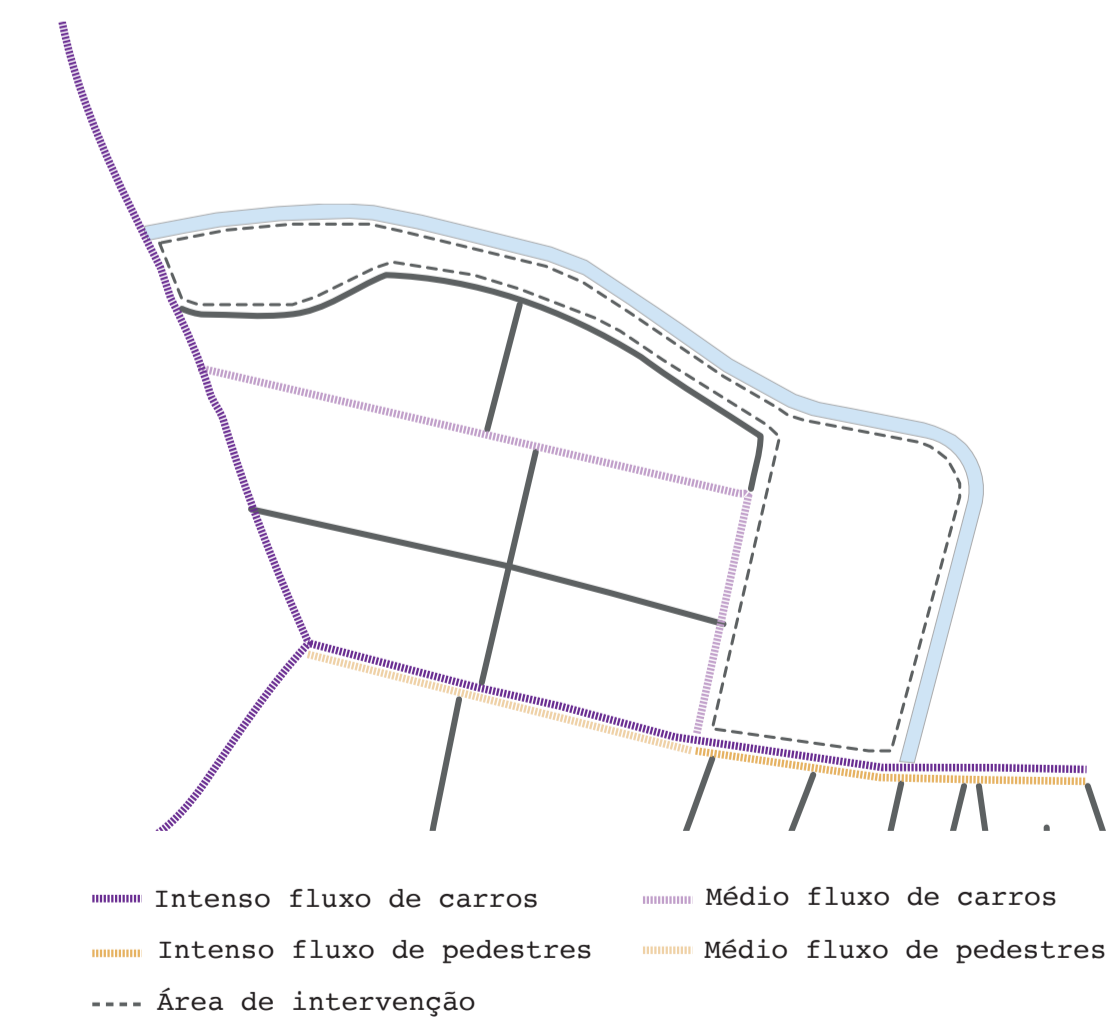
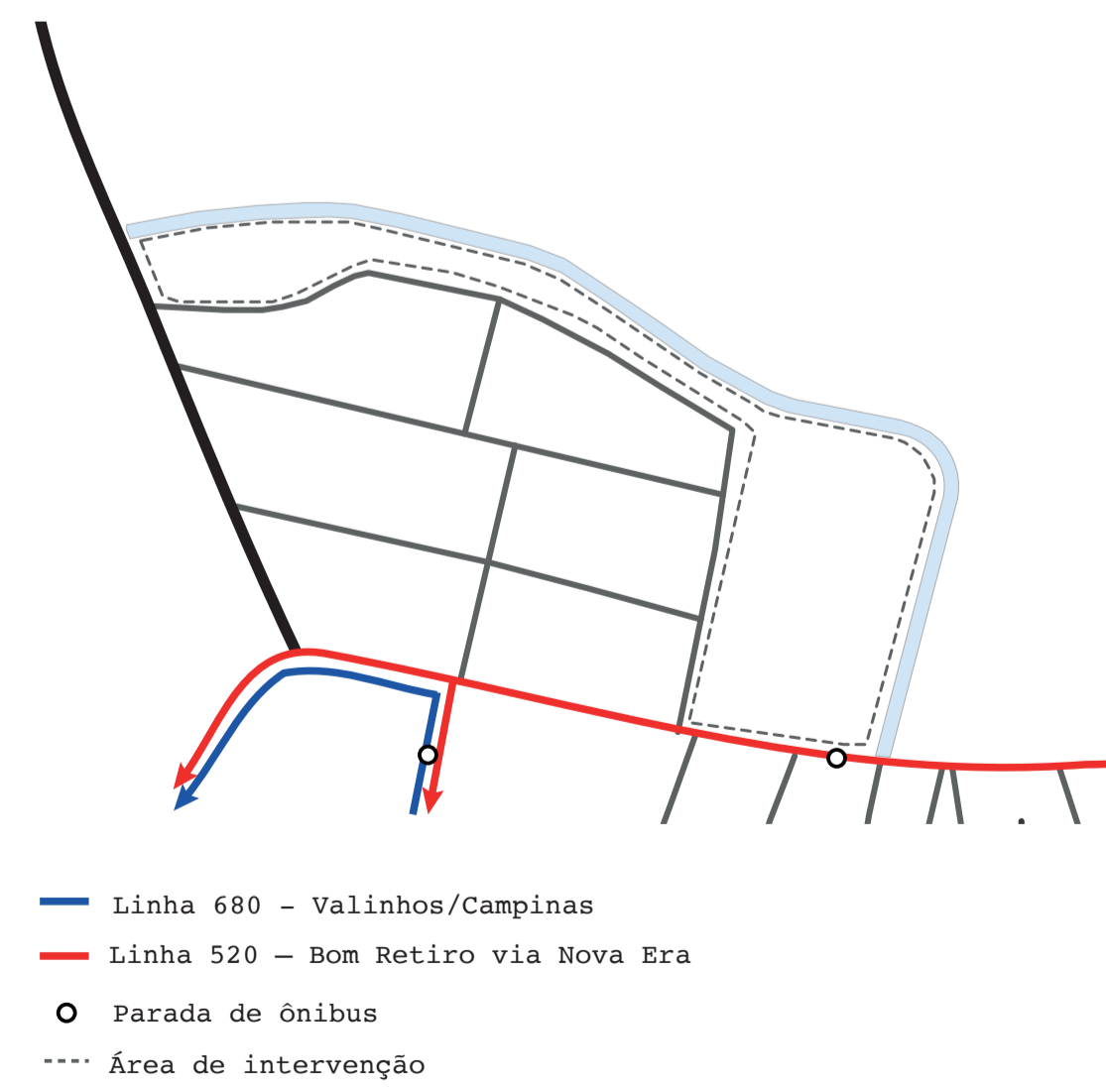
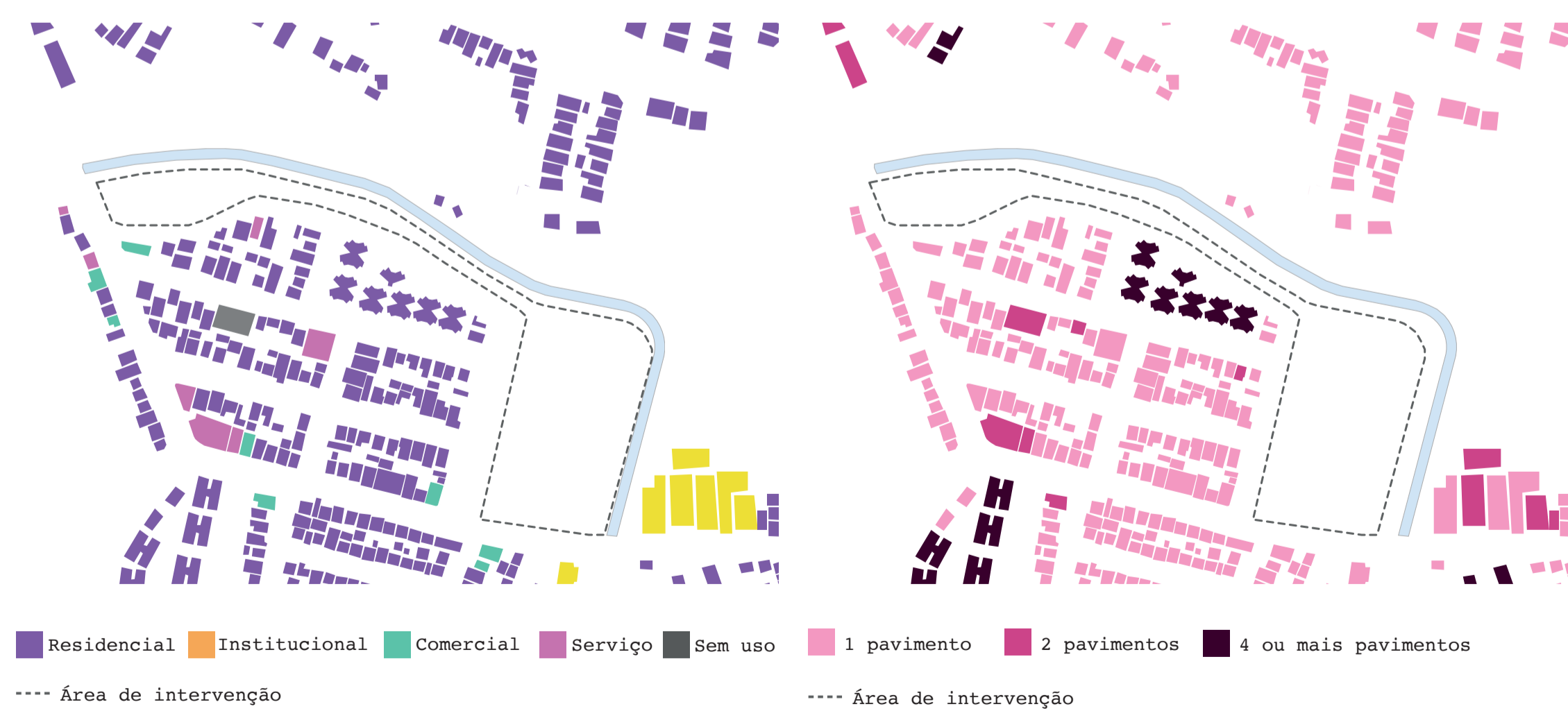
PROGRAMA



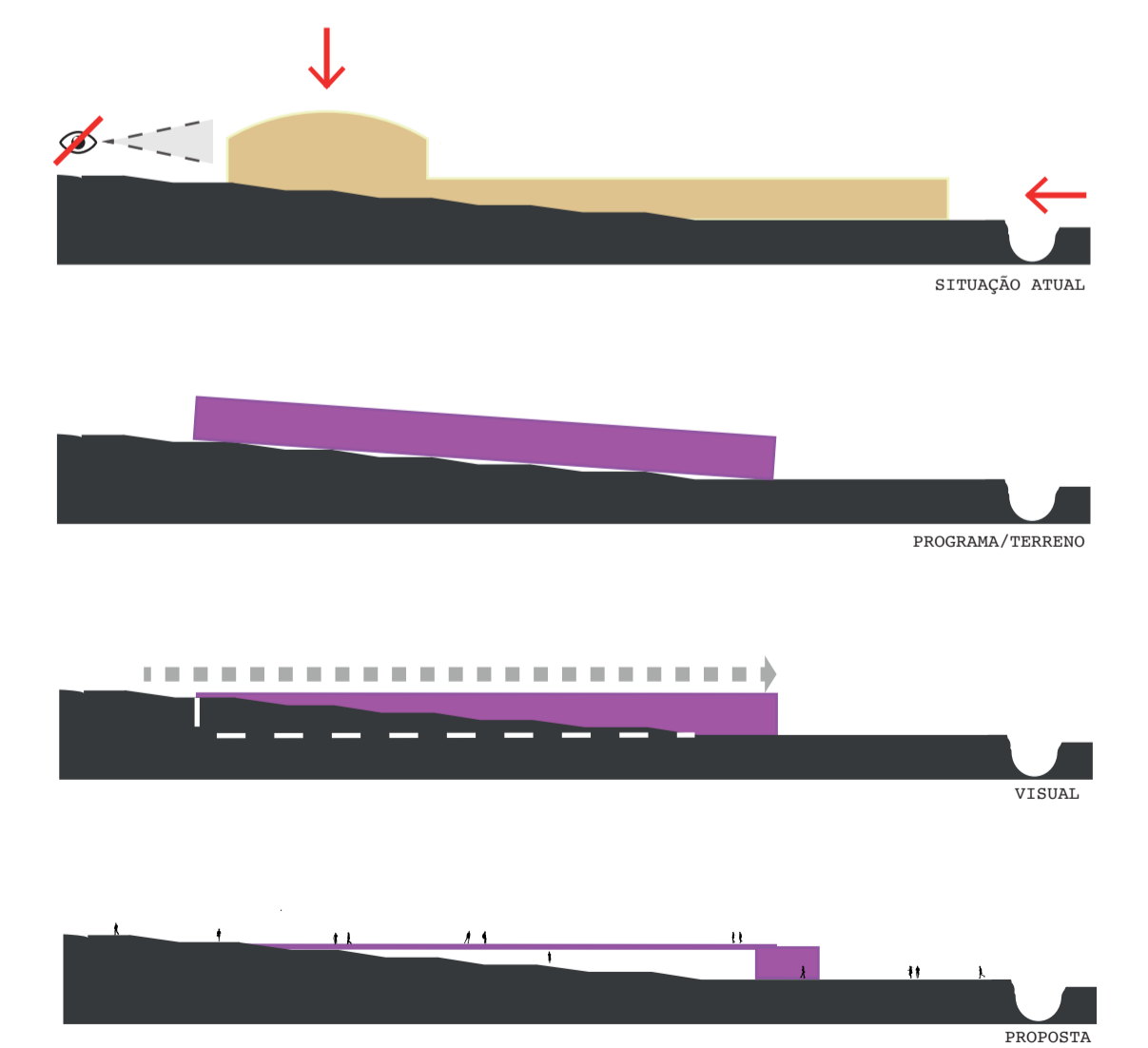
PERSPECTIVA



ENTORNO IMEDIATO

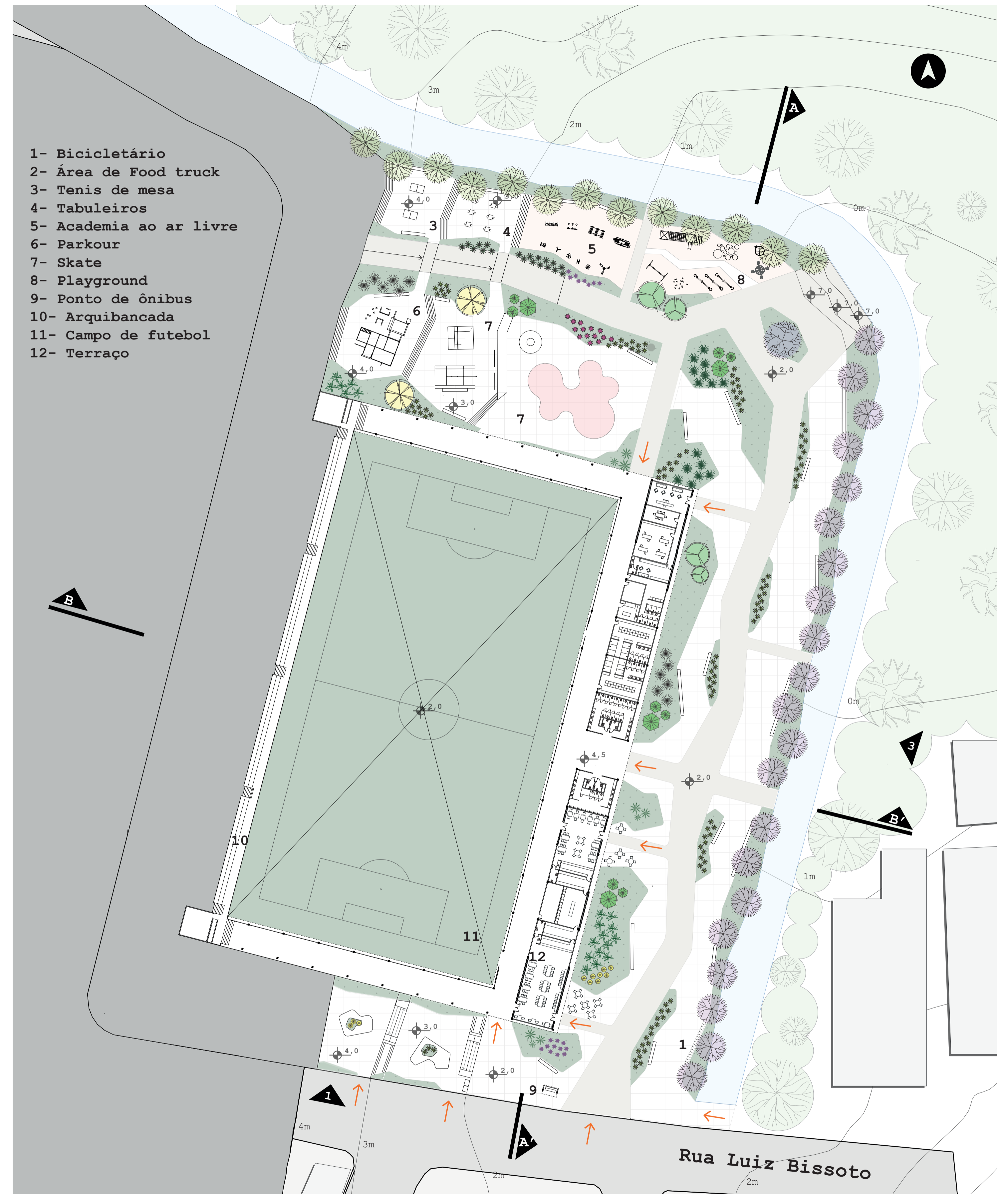


PARTIDO





Planta cota superior
Esc. 1:500



Planta cota inferior
Esc. 1:500

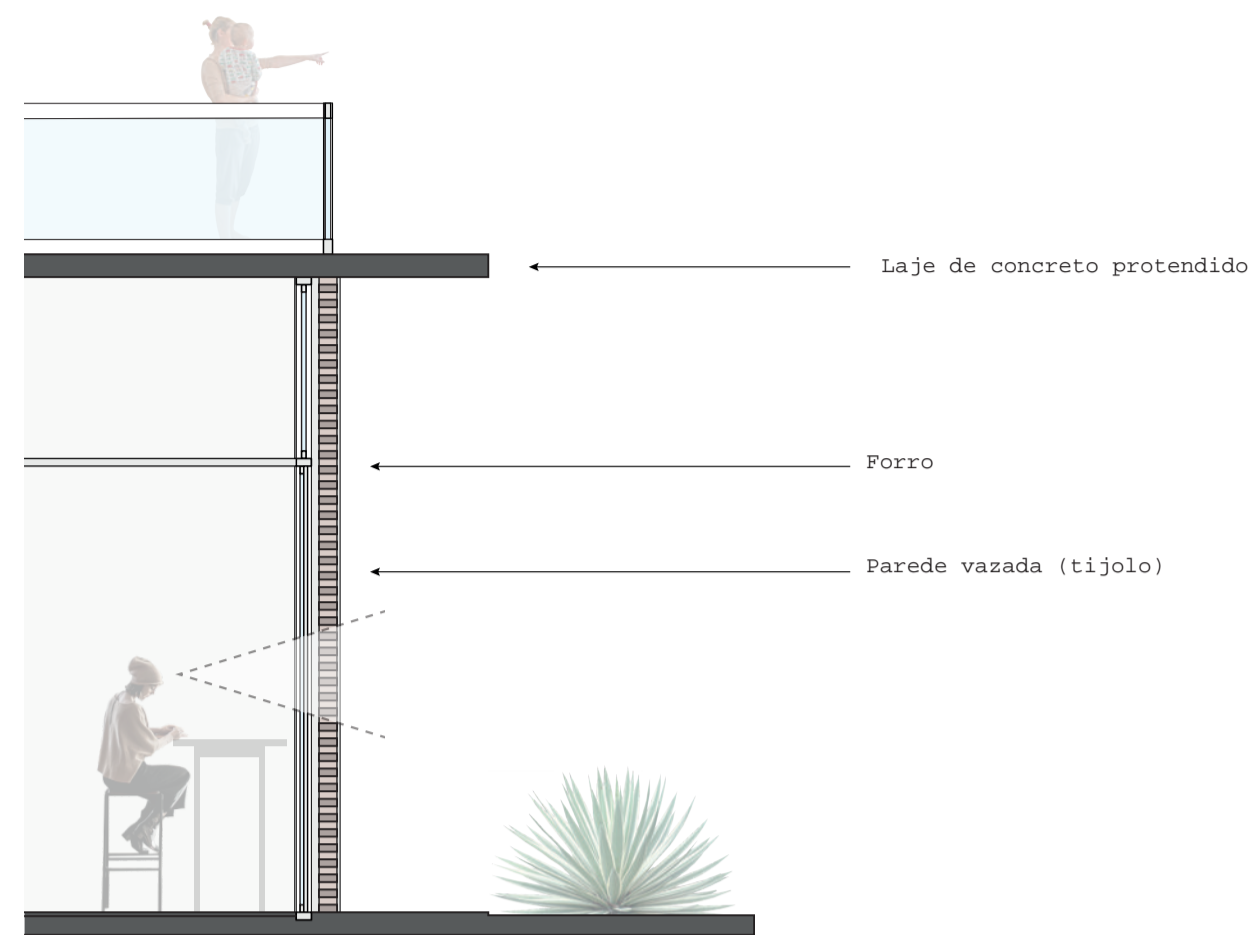
- 1- Bicicletário
- 2- Área de Food truck
- 3- Tennis de mesa
- 4- Tabuleiros
- 5- Academia ao ar livre
- 6- Parkour
- 7- Skate
- 8- Playground
- 9- Ponto de ônibus
- 10- Arquibancada
- 11- Campo de futebol
- 12- Terraço



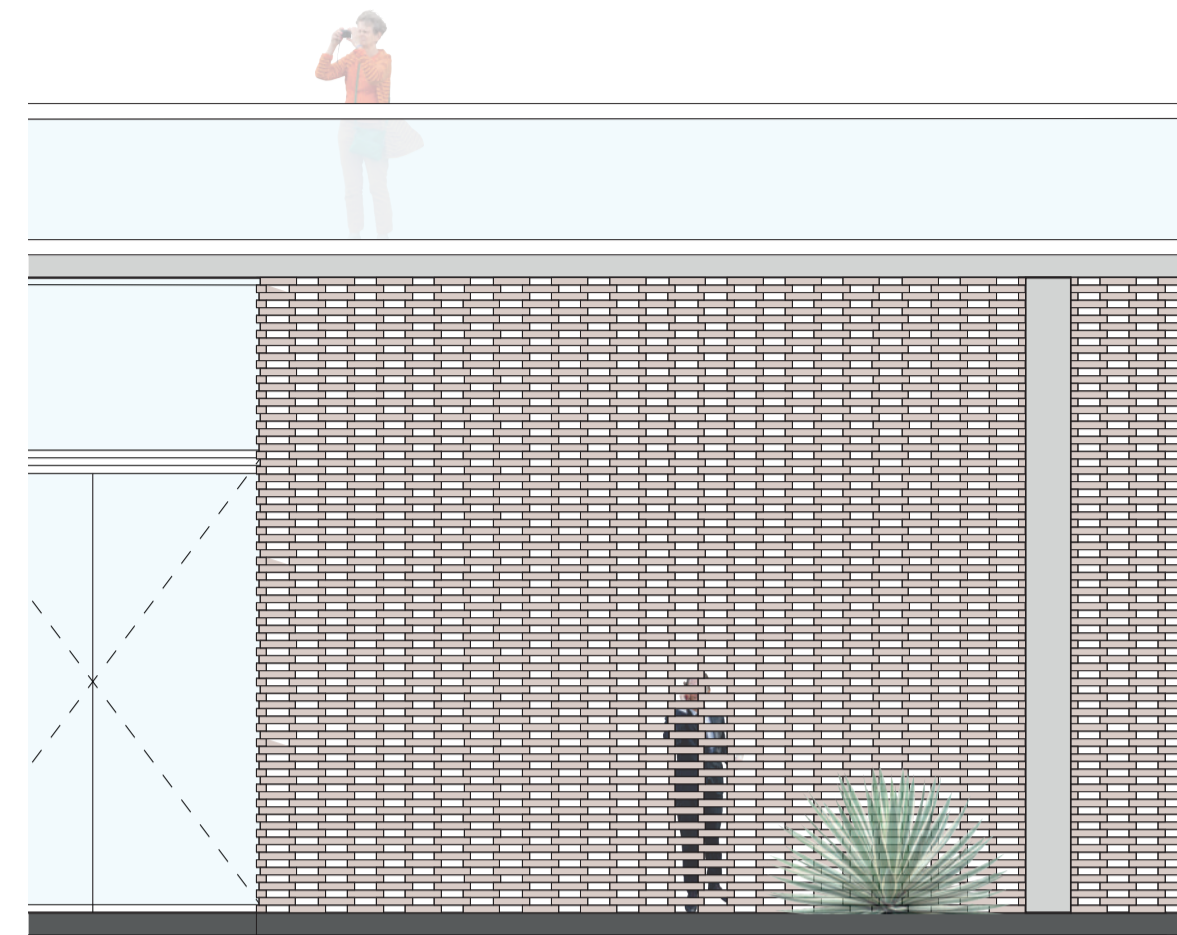
Planta cota inferior
Esc. 1:250



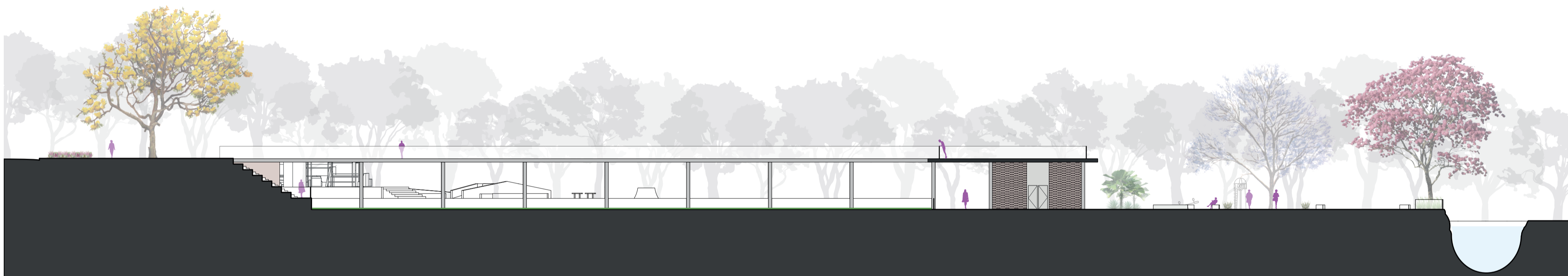
- 1- Bicicletário
- 2- Reservatório de água
- 3- Recepção
- 4- Sala de Reunião
- 5- Escritórios
- 6- Copa
- 7- Vestiário árbitros
- 8- Depósito de material esportivo
- 9- Enfermaria
- 10- Vestiário atletas
- 11- Banheiro
- 12- Café
- 13- Cozinha
- 14- Vestiário funcionários
- 15- Restaurante
- 16- área técnica
- 17- Campo de futebol
- 18- Arquibancada



Corte - detalhe da fachada vazada
Esc. 1:50



Elevação - detalhe da fachada vazada
Esc. 1:50

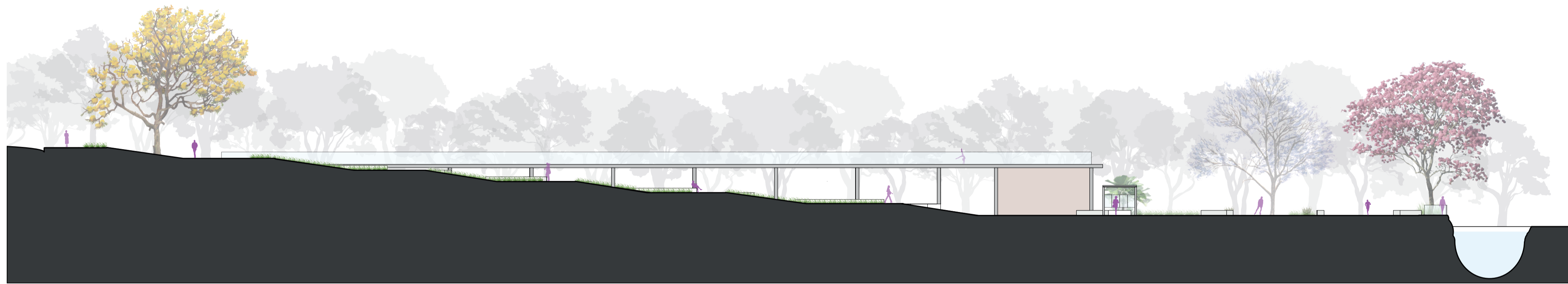


Corte AA'
Esc. 1:250

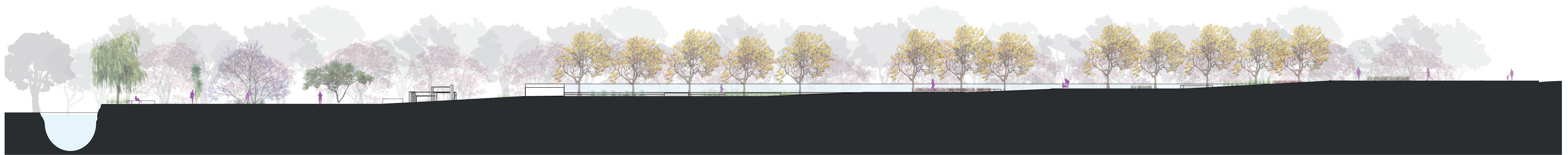


Corte BB'
Esc. 1:250

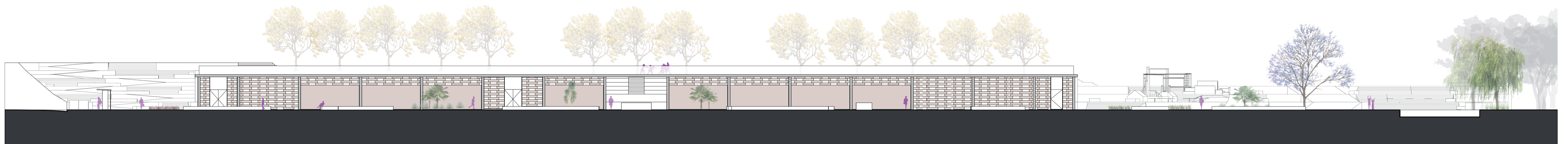
ELEVAÇÕES



Elevação 1
Esc. 1:250



Elevação 2
Esc. 1:250



Elevação 3
Esc. 1:250